

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - BACHARELADO**

Verônica Bonotto Crestani

**ENTRE A COMOÇÃO E A INDIFERENÇA: O PROCESSO DO LUTO
COLETIVO APÓS A TRAGÉDIA DA BOATE KISS**

Santa Maria, RS
2019

Verônica Bonotto Crestani

**ENTRE A COMOÇÃO E A INDIFERENÇA: O PROCESSO DO LUTO COLETIVO
APÓS A TRAGÉDIA DA BOATE KISS**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito para obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Sociais**

Orientador: Francis Moraes de Almeida
Co-orientadora: Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS, Brasil
2019

Verônica Bonotto Crestani

**ENTRE A COMOÇÃO E A INDIFERENÇA: O PROCESSO DO LUTO COLETIVO
APÓS A TRAGÉDIA DA BOATE KISS**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito para obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Aprovado em 19 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida (UFSM) (Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Monalisa Dias de Siqueira (UFSM) (Co-Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Camila dos Santos Gonçalves (UFN)

Prof. Dr. Diego Zenobi (UBA)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

À Monalisa de Siqueira e ao Francis Almeida, meus orientadores que sempre me ajudaram incansavelmente e que além de dedicarem seu tempo a mim e compartilhar saberes, conselhos e críticas, entenderam as minhas limitações, dúvidas e necessidades e supriram minhas demandas afetivas de cuidado e carinho. Ao Francis que é responsável pelo meu direcionamento intelectual e me ajudou conciliar vida pessoal e acadêmica, o que me fez crescer intelectual e pessoalmente. Seu cuidado dispensado a mim foi fundamental para a realização e permanência no curso. À Monalisa, cheia de atenção e cuidado com as minhas demandas, sempre me incentivou, sendo figura de referência e guia, provedora de energia, afeto e segurança, uma fonte de inspiração. Como um sol que inspira o caminho a seguir.

Ao Fernando Balieiro, que me introduziu na vida acadêmica, foi quem me ensinou a pesquisar e a ser pesquisadora, cada lição aprendida e cada cuidado, cada palavra, cada ensinamento carrego comigo. Obrigada pelo esforço e compreensão, por lidar com as minhas demandas e ser o melhor e mais paciente, e ter segurado a minha mão no início dessa caminhada. Jamais teria conseguido sem ti.

À Rosana Pinheiro-Machado, por ter mudado a minha vida inteira no curto espaço de tempo que tive o prazer de dividir, quase diariamente, a vida com ela. Meu exemplo de vida, que me deu amor e acreditou em mim como ninguém. A vida com ela, marcou um novo momento no curso e na vida. Ela fez comigo, o que a primavera faz com as flores.

À minha família, meus pais José e Simone e meus irmãos Carolina e Arthur, por tornarem tudo isso possível, por terem acreditado em mim e por todo cuidado e ajuda de sempre. Obrigada por me proporcionarem a coisa mais linda que eu poderia ter vivido, me tornar uma Cientista Social. Gratidão por aceitarem as minhas metamorfoses e me deixar lutar pelo que eu acredito.

Ao meu amor Luciano que a Ciências Sociais colocou em minha vida e desde sempre esteve ao meu lado, sendo provedor de amor e cuidado, tornando a minha vida mais bonita de se viver. Teu amor me curou nos momentos mais difíceis, e me incentivou nos melhores. Obrigada por insistir em me fazer feliz! Nada teria o mesmo sentido se não fosse tu!

À Saruê Vezaro e Thomaz de David que estiveram comigo desde sempre e compartilharam as melhores experiências e aprendizados que o curso proporcionou ao meu lado. Obrigada pelos momentos de felicidade e por enxugarem as minhas lágrimas quando foi

preciso. Serei eternamente grata por tudo que compartilhamos, cresci muito com vocês. Um agradecimento especial à Tatiéle Brites, por estar sempre comigo e nunca me abandonar, me entender como ninguém, não me julgar e estar ao meu lado nos dias mais difíceis. O teu cuidado foi o que me salvou da vida.

À Rafaela Horst e Danieli Klidzio por terem se tornado fonte de amor, carinho e cuidado, mas principalmente por dividirem a energia e a luz de vocês comigo nos melhores e nos piores dias, feito girassóis que viram-se um para o outro em dias nublados para compartilhar suas energias, me ensinando que mesmo que não haja sol, ainda temos umas às outras, por que, de um jeito bonito, tudo que fizemos, foi por nós, por amor.

Às pessoas especiais Ana Luisa Koech, Bruna Andrade, Bruna Fani, Bruno Ragasson, Daniel Stack, Francys Albrecht, Luana Isabel, Luísa Hoffmann, Luísa Paim, Mateus Bonez, Raíra Borher, Rodrigo Teixeira, Thayná Paulon e Willian Nunes que as Ciências Sociais me deram de presente e que a partir de então estiveram sempre comigo, compartilhando a vida e junto comigo, vivendo o melhor e o pior da academia, sendo minhas inspirações diárias.

À Bruna Troitinho e ao projeto de extensão da UFSM, o Pré Universitário Popular Alternativa que mudaram a minha vida nesse último ano de curso, não apenas a experiência docente, mas toda a vivência que a educação popular proporciona, foi emocionante demais participar e deixar um pedacinho de mim e trazer muito de toda essa experiência.

À Natália Barcelos minha psicóloga por estar ao meu lado todos esses anos me dando forças para continuar e entender a vida como um todo. Estendo o agradecimento e as palavras de carinho à minha psiquiatra Andressa Hoffmann, que foi essencial no findar dessa fase.

Às minhas amigas desde sempre, Alex, Bárbara, Bruna, Carol, Daniela, Eduarda, Franciele, Fernanda, Mariana, Rafaela e Mateus que sempre me nutriram de amor e afeto, entendem a minha ausência e me acolhem da maneira mais linda possível, mesmo sim todos os pedaços de mim que faltam. Obrigada por me aceitarem e não desistirem de mim.

Agradeço, de coração, a cada um e cada uma de vocês que me ensinam muito mais que fazer ciência, regras e métodos, porque nós construímos laços tão fortes e bonitos que explicar não é necessário, só sei agradecer. Gratidão por tornarem a minha vida mais bonita e me provar que as coisas feitas com amor valem à pena. Amo muito todos e todas! No momento só posso lhes oferecer amor e gratidão. O mundo conquistamos juntos!

RESUMO

ENTRE A COMOÇÃO E A INDIFERENÇA: O PROCESSO DO LUTO COLETIVO APÓS A TRAGÉDIA DA BOATE KISS

AUTORA: Verônica Bonotto Crestani

ORIENTADOR: Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida

CO-ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Monalisa Dias de Siqueira

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo de construção das formações discursivas sobre sofrimento no Jornal Diário de Santa Maria após o incêndio da boate Kiss. A “tragédia” da boate Kiss, como ficou conhecida a madrugada do 27 de janeiro de 2013, trata-se de um incêndio em uma casa noturna na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, causado por sinalizadores que atingiram o teto do estabelecimento, incendiando o material utilizado para o isolamento acústico. A “tragédia” deu fim à vida de 242 pessoas, a maioria por asfixia e deixou mais de 600 feridos. Considera-se o incêndio e seus desdobramentos como um “evento crítico”, pois desestabiliza as referências cotidianas pelos quais os sujeitos orientam suas práticas de vida e suas formas de expressões, e produz efeitos sociais tanto em seus corpos quanto no discurso daqueles que sofrem a fratura social. A narração se inscreve como importante forma de compreender e habitar o mundo após o evento. Assim, a partir da análise das práticas discursivas psi em reportagens do jornal Diário de Santa Maria no período dos três primeiros anos após o incêndio e alguns materiais científicos, analisados a partir da análise de discurso foucaultiana, busca-se compreender quais as estratégias de tratamento e cuidado são mais evocadas nos discursos psi. De modo geral, o desenvolvimento de um conjunto de discursos e táticas psi sobre sofrimento, reconfiguraram-se após a “tragédia” da Boate Kiss, formando um quadro discursivo que considera formas coletivas de tratamento do sofrimento. A partir da análise do corpus, descreveu-se como determinados sentimentos foram sendo produzidos socialmente nas relações sociais de acordo com a passagem do tempo e a mudança de contexto, destacando como os sentimentos são suscetíveis a variações provocadas pelo ambiente sociocultural em que se encontram, em uma relação entre cultura, sociedade e emoções.

Palavras-chave: Sofrimento. Emoções. Boate Kiss. Diário de Santa Maria. Profissionais psi.

ABSTRACT**BETWEEN COMMOTION AND INDIFFERENCE: THE PROCESS OF COLLECTIVE GRIEF AFTER THE TRAGEDY OF KISS NIGHTCLUB**

AUTHOR: Verônica Bonotto Crestani

ADVISOR: Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida

CO-ADVISOR: Prof^ª. Dr^ª. Monalisa Dias de Siqueira

This research aims to understand the process of construction of discursive formations about suffering in the newspaper *Diário de Santa Maria* after the fire at the Kiss nightclub. The “tragedy” of the Kiss nightclub, as the dawn of January 27, 2013 became known, is a fire in a nightclub in the city of Santa Maria, in the interior of Rio Grande do Sul, caused by flags that hit the ceiling establishment, setting fire to the material used for sound insulation. The "tragedy" ended the lives of 242 people, most of them by asphyxiation and left more than 600 injured. The fire and its consequences are considered a “critical event”, as it destabilizes the daily references by which the subjects guide their life practices and their forms of expressions, and produces social effects both on their bodies and on the speech of those who suffer from it. social fracture. The narration is inscribed as an important way to understand and inhabit the world after the event. Thus, from the analysis of the psi discursive practices in reports of the newspaper *Diário de Santa Maria* in the period of the first three years after the fire and some scientific materials, analyzed from the analysis of Foucault's discourse, we seek to understand which treatment strategies and care are most evoked in psi discourses. In general, the development of a set of psi discourses and tactics about suffering, reconfigured after the “tragedy” of Kiss nightclub, forming a discursive framework that considers collective ways of treating suffering. From the analysis of the corpus, it was described how certain feelings were being produced socially in social relationships according to the passage of time and the change of context, highlighting how the feelings are susceptible to variations caused by the socio-cultural environment in which they find themselves, in a relationship between culture, society and emotions.

Key Words: Collective grief. Emotions. Kiss night club. *Diário de Santa Maria*. Professionals psy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	10
1.1 As Unidades do Discurso	17
2. O SOFRIMENTO RETRATADO NO JORNAL: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DA TRAGÉDIA KISS	22
2.1 Como olhar - e mostrar - a dor dos outros?	24
2.1.2 Enquadramento: Comoção e Indignação	27
2.2 “Santa Maria nunca mais será a mesma”	34
2.2.1 “Morri em Santa Maria hoje. Quem não morreu?”	35
3. ONDE ESCONDE A DOR QUE NÃO PODE SER FALADA NEM OUVIDA?	40
3.1 “Os corpos reunidos “dizem”, mesmo quando permanecem em silêncio”	41
3.2 A relação entre os profissionais de saúde e a mídia na cobertura do incêndio da boate Kiss	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa versa sobre a produção de saberes do campo psi sobre emoções. Na presente pesquisa pretende-se aprofundar questões de investigação acerca do sofrimento, sobretudo, a reconfiguração das formações discursivas sobre o sofrimento a partir de saberes psi, frente ao tratamento dos sobreviventes e familiares da “tragédia da boate Kiss”¹. Um dos objetivos do trabalho é discutir os processos que estão imbricados no fazer científico, assim como seus desdobramentos e efeitos de discursos, pensados a partir de Michel Foucault, Nikolas Rose e Ian Hacking. O caso Kiss é pensado como uma forma de acesso a uma série de saberes psi sobre sofrimento, dor e luto que foram elaborados em meio à “tragédia” para o acolhimento e cuidado do sofrimento coletivo que assolou a cidade de Santa Maria, abarcando não só familiares e sobreviventes, mas os profissionais e voluntários que atuaram no pós incêndio e demais pessoas que se sentiram afetadas com a tragédia. Neste contexto é importante compreender os discursos elaborados no campo psi e como as reportagens sobre a “tragédia da boate Kiss” no jornal Diário de Santa Maria (jornal DSM)², abordaram as questões relativas às emoções de sofrimento, dor e luto. Com isso, quer-se pensar a relação entre o discurso do campo psi e o discurso jornalístico, refletindo sobre como foram incorporados, nas matérias, os discursos de profissionais psi, que ocupam lugar de saberes autorizados a tratar do tema.

A escolha por trabalhar com a temática das emoções dentro das Ciências Sociais, se dá a partir do entendimento que para pensá-las é necessária uma perspectiva que dispense as oposições que geralmente aparecem no debate em torno delas, como por exemplo natureza-cultura, universal-particular, interno-externo, público-privado etc. Além disso, entende-se que há convergência entre o enfoque sociocultural, psicológico e biológico, e que a exclusão das emoções das Ciências sociais ainda se dá devido a heranças da sociologia clássica, a exemplo de Durkheim (2007 [1895]), que ao estabelecer a sociologia como uma nova ciência social, demarca os limites para com outras áreas do conhecimento como

¹ Termo utilizado por familiares e pela mídia impressa local para nomear o evento em Santa Maria, portanto, trata-se de um termo êmico. Por escolha da autora, no título ele não será escrito entre aspas, mas é fundamental o entendimento de seu uso no sistema o qual pertence. Siqueira e Victora (2018) destacam quatro presenças que consideram que, através de um conjunto de estratégias narrativas e de performances políticas, essas presenças impactaram significativamente na transformação do incêndio da boate Kiss em “tragédia” na cidade de Santa Maria: a presença da mídia; a das Forças Armadas; a dos “Psicólogos”; e a do movimento político por “justiça”. Ver: SIQUEIRA, Monalisa; VICTORA, Ceres. “A maior tragédia em 50 anos” IN: Rifiotis, Theophilos; SEGATA, Jean (org.). Políticas etnográficas no campo da moral. Porto Alegre : UFRGS, 2018. pp: 183-205.

² A partir de agora, para a abreviação do nome do jornal Diário de Santa Maria, será utilizado “jornal DSM”.

Psicologia e Filosofia a fim de estabelecer uma diferenciação de objeto e constituir como científica a nova disciplina.

A questão a que se propõe esta monografia é analisar a abordagem jornalística sobre as emoções já citadas e os depoimentos de profissionais psi nos jornais sobre as mesmas questões. A abordagem jornalística da cobertura da “tragédia da boate Kiss” vem sendo trabalhada cientificamente desde o ano do acontecimento da tragédia, portanto, nesse primeiro momento busca-se retomar uma reflexão sobre como o jornal Diário de Santa Maria narra a dor no evento trágico, e em seguida, como incorporam os depoimentos de profissionais psi e a análise desses depoimentos com abordagem teórica voltada para a antropologia e sociologia das emoções, sobretudo, no que diz respeito a dor³, sofrimento, traumas e afins:

Talvez até mais do que a morte, a dor tem sido removida tanto do campo de indagação das disciplinas científicas e sociais, quanto da consciência individual na sua forma cotidiana. [...] Se o medo da dor parece ser uma prerrogativa do comportamento humano, a falta de tematização e a fuga exasperada das suas manifestações são, porém, respostas culturais especificamente ocidentais [...] E após uma revisão em trabalhos recentes, descobrimos que de fato, a análise da atitude ocidental perante a morte ou a dor tem sido abordada como um tema apropriado pela antropologia (GUERCI e CONSEGLIERI, 1999, p. 62-3).

A perspectiva teórica das emoções adotada é contextualista, de acordo com Rezende e Coelho (2010), que entendem que há sentimentos que são produzidos socialmente, nas relações sociais e que têm efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo. Destaca-se que as emergências dos afetos estão suscetíveis a variações provocadas pelo ambiente sociocultural em que se encontram, em uma relação entre cultura, sociedade e emoções. Portanto, os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem, variando de acordo a situação e vários aspectos da vida social, são como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras. Enfatizar o elemento do contexto, significa analisar a partir dos efeitos de poder dos discursos as situações sociais específicas em que eles são expressos, mostrando que o próprio significado das emoções varia dentro de um mesmo grupo social dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e atenta para as consequências da expressão dos sentimentos nas relações sociais e de poder.

³ Em consulta a dicionários, de língua inglesa, francesa e espanhola, as definições de dor e sofrimento aparecem sumamente próximas (GUERCI e CONSEGLIERI, p. 60, 1999), por isso serão tratadas como referindo-se ao mesmo estado emocional.

Assim, para as autoras, a emoção não seria apenas um construto histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma "micropolítica das emoções", ou seja, a partir de sua capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. As emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais (REZENDE e COELHO, 2010). Assim, a emoção é adequada para explicações sociológicas, já que entende-se a emoção como necessária para explicar os próprios princípios fundamentais do comportamento social se a própria emoção for significativa na constituição das relações, instituições e processos sociais e pode oferecer a uma compreensão das ligações entre os domínios micro e macro (BARBALET, 1998).

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta a abordagem teórico-metodológica, explicando os caminhos da pesquisa, as ferramentas e o aporte teórico utilizado para a realização da pesquisa. No segundo capítulo é apresentada uma análise do jornal Diário de Santa Maria enquanto responsável por narrar e mostrar a dor diante do incêndio da boate Kiss, focando a discussão em emoções como comoção e indignação, que estão sobretudo relacionados a um momento inicial após o incêndio. Ainda, é ressaltada a sua importância enquanto veículo informacional, mas também como um dos agentes responsáveis por atribuir uma determinada narrativa e dar sentido ao acontecimento, fortalecendo o vínculo entre as pessoas. O capítulo três detém-se em pensar uma mudança ocorrida na cidade de Santa Maria nas formas de lidar com o luto coletivo e nas consequências dessa transformação, assim como a posição que o jornal toma frente à essa questão.

1. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo pretende-se aprofundar questões de investigação acerca do sofrimento, sobretudo, busca-se entender como se deu o ajustamento dos conceitos empregados na formação discursiva sobre o sofrimento nos saberes psi⁴ a partir da análise das práticas discursivas psi em reportagens de jornais com relatos de profissionais e trabalhos científicos no meio acadêmico, ambos no período de 2013 a 2016 e sendo considerados apenas aqueles produzidos em Santa Maria, sendo necessário tal recorte espaço-temporal, devido ao tempo disponível para a realização da pesquisa.

A construção do corpus⁵ da pesquisa tem em vista as práticas discursivas dos saberes psi reproduzidas pela mídia impressa em resposta a “tragédia da boate Kiss”. O período determinado para a coleta de materiais vai até o terceiro ano após o incêndio, 2016, utilizando como técnica a análise documental. A partir do aporte metodológico foucaultiano, análise de discurso constitui a principal metodologia do trabalho de análise da pesquisa. Em se tratando de formação de saberes e construção do conhecimento, é preciso pensar a história dos conceitos incluindo seus deslocamentos e transformações, além de seus campos de constituição e de validade. A presente pesquisa trata justamente disso, mudanças nas práticas discursivas e não-discursivas frente a um acontecimento de grande impacto.

A partir da construção de um corpus de documentos e do tratamento qualitativo dos dados, os materiais estudados pretendem dar conta das palavras empregadas, suas regras de uso e suas práticas. Para tanto, compreende-se que é preciso entender as condições de existência de tal discurso, e compreendê-lo em cada momento relacionando-o aos acontecimentos e fenômenos específicos que o fizeram aparecer no campo discursivo, na singularidade de sua situação, além de estabelecer suas relações com os outros enunciados (FOUCAULT, 1986). Assim, propõe-se como teoria que estrutura a metodologia, uma arqueogenealogia (ALMEIDA, 2009), baseada na teoria foucaultiana, que permite pensar um conjunto de pressupostos sobre a realidade, e oferece um instrumental conceitual que darão sentido ao tratamento qualitativo dos dados.

⁴ Compreende-se por profissionais psi aqueles profissionais com formação especificamente voltadas para o tratamento de afecções mentais, sobretudo psiquiatras e psicólogos.

⁵Bauer e Gaskell (2002) propõe uma maneira de construir um *corpus* em pesquisa de abordagem qualitativa nas Ciências Sociais. O que compõe o *corpus* pode ser diverso entre si, oferecendo multiplicidade de informações. Os passos principais para construção de um corpus de pesquisa, seriam: selecionar preliminarmente, analisar essa variedade e ampliar o corpus de dados até que não se descubra mais variedade” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 39-63).

As matérias do jornal Diário de Santa Maria relacionadas a “tragédia” foram analisadas em diferentes trabalhos da área da comunicação (SILVEIRA e DALMOLIN, 2014; ORELLANA e GUIMARÃES, 2014; OLIVEIRA-CRUZ, 2018) e a observação desse material foi importante para a construção do corpus da presente pesquisa; a seleção dos documentos, nesse caso, as reportagens pertinentes ao tema estudado, procede à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam analisados. A seleção de documentos foi feita a partir de um corpus de pesquisa de 415 reportagens organizadas durante os primeiros três anos da “tragédia”⁶, sendo delimitado para a análise 50 delas⁷. As reportagens escolhidas abordam temas como luto, dor, trauma ou sofrimento. Para compreender o processo de construção das formações discursivas sobre sofrimento a partir do campo psi e as estratégias de tratamento, a pesquisa conta também com um corpus composto por materiais científicos publicados por profissionais do campo psi, a saber: o livro intitulado *A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss: testemunhos e reflexões* produzido por diferentes profissionais da área da saúde, como psicólogas, psiquiatras, enfermeiras, médicas e socorristas da Cruz Vermelha, além de relatos de familiares, militares, professores e assistentes sociais.

O primeiro procedimento de coleta de dados é a análise documental. Conforme proposto por Victora, Knauth e Hassen (2000), como objeto central de pesquisa da análise documental, pode-se explorar tanto documentos oficiais (leis, regulamentos), quanto documentos públicos (livros, jornais, revistas, discursos), desde que, definidos a partir de critérios previamente estabelecidos. Propõe-se então, acessar não apenas produções do conhecimento acadêmico institucionalizado, mas também discursos sobre o campo psi, em especial como ele é reproduzido nos jornais. A vantagem da análise documental é a disponibilidade de uma forma elaborada de conteúdo, facilitando a agilidade da seleção dos aspectos de interesse, pois garante à pesquisadora maior controle e domínio sobre o objeto (VICTORA, KNAUTH e HASSEN 2000). Concomitante à coleta dos dados, foi

⁶ 2013-2016 foi o período delimitado para o estudo, pois a seleção de documentos foi feita a partir de um banco de dados faz parte de um projeto da professora orientadora Monalisa Dias de Siqueira (UFMS) e da professora Ceres Victora (UFRGS), fruto de uma pesquisa teve início em janeiro de 2013, com a coleta de informações divulgadas na mídia e a formação de um banco de dados com notícias sobre o acontecimento e seus desdobramentos.

⁷ Foram utilizadas como critério de seleção para o recorte das 50 matérias do jornal aquelas cujas temáticas eram relacionadas à dor, luto ou sofrimento, tendo em vista que os temas apresentados pelo jornal eram variados e incluíam o andamento dos processos judiciais, as manifestações públicas por justiça, relações de familiares com os agentes do Estado, os tratamentos de saúde, entre outros.

imprescindível um processo de sistematização desses dados que, compõem o início da "lapidação" dos dados. Essa organização prévia, a partir da qual foram definidas as associações que são exploradas no nível da análise para definir, com clareza, o peso conferido a cada tipo de dado bruto, tais como artigo de jornal, documento oficial, depoimento, etc.

Na etapa da realização da análise dos dados, empregou-se análise de discurso no material já mencionado. Considerando então que o contexto social possui influência na forma como se constitui o discurso, pensa-se essa metodologia em consonância com estudos sobre a constituição de sujeitos relacionada a aspectos culturais e discursivos que são carregados de significados culturais, adquiridos e construídos.

A análise de discurso proporciona um conjunto de técnicas úteis para pensar discursos escritos ou orais. Fairclough (2001) apresenta uma proposta de análise de discurso que reúne análise linguística e teoria social “centrada numa combinação desse sentido mais socio-teórico de 'discurso' com o sentido de 'texto e interação na análise de discurso orientada linguisticamente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22), em formato tridimensional, na medida que considera o texto (análise linguística), a prática discursiva (texto e interação) e a prática social (questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos).

Assim, tem-se o discurso como modo de ação, um modo de agir no mundo, especialmente sobre os outros e também como modo de representação. Destacam-se três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso: contribui para a construção de ‘identidade sociais’ e ‘posições de sujeito’; para a construir as relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Tais efeitos correspondem a três funções da linguagem, respectivamente: identitária, “modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”; relacional, “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas” e ideacional “modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos entidades e relações” (FAIRCLOUGH, 2001, p.92). Assim, de acordo com o autor, a observação atenta dos enunciados e a busca do significado das mensagens se constituem como indicadores significativos, entendendo que os discursos contém valores, regras e normas e permitem, a partir de sua análise, reconstruir tais indicadores.

Convém entender que os sentimentos e emoções são pensados contemporaneamente através de concepções culturais que os entendem como capazes de serem geridos e aprendidos. Esses novos modelos de afetividade formulados por psicólogos, consultores de administração e relações humanas, alteraram as formas de sociabilidade e redefiniram as fronteiras cognitivas e afetivas práticas (ILLOUZ, 2011). Assim, emoções e sentimentos são encarados como administráveis, treináveis, superáveis, necessitando de gerenciamento constante, sendo o sujeito pensado “como um capital, de modo que, para desenvolver rendimentos cada vez mais satisfatórios, necessita de constantes investimentos” (MENDES e OLIVEIRA, 2013, p. 164).

Em outra perspectiva, Nikolas Rose (2011) afirma que os seres humanos são representados como dotados de uma subjetividade individualizada, motivados por sua autorrealização e aspirantes ao encontro de suas verdadeiras identidades e autênticos estilos de vida. O que gera identificação nas pessoas, na forma de relacionarem-se consigo mesmas, em torno da problemática do *self*, compondo considerável demanda pelas diversas tecnologias psi de subjetivação. Por subjetivação, o referido autor compreende como sendo:

[os] efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar - ou operam para transformar - o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das políticas de outros sobre eles (ROSE, 2011, p. 144).

Seguindo a discussão de Rose (2011) pode-se afirmar que a psicologia e demais saberes psi compõem um corpo de discursos e práticas profissionais, com uma gama de técnicas que têm importante relação com os agenciamentos contemporâneos de subjetivação. As disciplinas psi compreendem mais que uma forma historicamente contingente de representar a realidade subjetiva. Os saberes e as autoridades psi têm gerado técnicas para moldar e reformar os “eus”. Através de "práticas de subjetivação" os humanos, ao se relacionarem consigo mesmos, adquirem capacidades, como “compreender a si mesmos; falar a si mesmos; colocar a si mesmos em ação; julgar a si mesmos” (ROSE, 2011, p. 146), que são efeitos da interioridade psicológica e das relações e ligações dos humanos com outros objetos e práticas, multiplicidades e forças, que produzem agenciamentos contemporâneos de subjetivação. Tais disciplinas estabelecem “racionalidades práticas” que envolvem normas e dispositivos que tornam inteligíveis e julgáveis as capacidades e a conduta humanas. Nesse

processo de "construção de pessoas", subjetivação não é um produto nem da psique nem da linguagem, mas de um agenciamento de corpos, vocabulários, técnicas e práticas.

As tecnologias de subjetivação tornam os seres humanos sujeitos de um certo tipo de liberdade e fornecem as normas e técnicas pelas quais deve-se agenciar e exercer tal liberdade, em domínios específicos, centrados no autoaperfeiçoamento, na autoestima e no autoprogresso, padrões de *selves* desejáveis. Desse modo, a vida adquire sentido na medida em que pode ser construída como o produto da escolha pessoal e essa busca por “atingir” certos estilos-de-vida e realização pessoal, por meio das relações com outrem, pretende-se melhorar a existência cotidiana, através da intervenção em um "mundo interior". Há portanto, uma transformação da relação de si para consigo, em uma relação que é governável, uma relação entre o mundo interior e de seu estilo-de-vida, operando por meio da relação subjetiva consigo mesmo, “um constante e intenso autoexame, uma avaliação das experiências pessoais, das emoções e dos sentimentos em relação a imagens psicológicas de realização e autonomia” (ROSE, 2011, p. 195). Essa relação consigo mesmo se dá em termos terapêuticos, pensa-se a si mesmo de acordo com os valores de normalidade e patologia, diagnosticando prazeres e desgraças em termos psi. O efeito psi é delineado pela descrição das formas pelas quais a existência humana se torna inteligível e praticável, sob uma certa descrição, em toda uma multiplicidade de pequenos "cenários éticos" que permeiam nossa experiência. Por "cenários éticos" entende-se os todos aparatos e contextos que “relação com o eu é administrada, forçada e agenciada, e na qual pode-se prestar uma atenção terapêutica àqueles que se sentem desconfortáveis com a distância entre sua experiência de suas vidas e as imagens de liberdade e de eu às quais eles aspiram” (ROSE, 2011, p. 192).

Um aspecto interessante é pensar a atuação dos saberes psi e a sua relação com os diagnósticos que norteiam o processo terapêutico e o emprego de técnicas de intervenção. Tais diagnósticos são baseados em teorias científicas, e as teorias mudam ao longo do tempo e sua aplicabilidade pode ser questionada a depender do contexto como, por exemplo, o caso Kiss (que é um sem precedentes). Ao nomear algo, tal categoria passa a existir (na forma de representar) e de fato existe (na realidade). A psicologia/medicina criam categorias para diagnosticar pessoas com base em comportamentos, e esse discurso científico é tomado como legítimo pelos profissionais psi, assim como reapropriados por grupos que são diagnosticados ou que se identificam com o diagnóstico. A Ontologia Histórica proposta por Ian Hacking (2009) indaga a emergência não somente de conceitos e objetos em novos usos dados a

palavras e frases em contextos específicos, mas também de novos padrões ou estilos de raciocínio inerentes a essas palavras e frases. O autor propõe investigar como novos modos psi de classificação criam, ou eliminam possibilidades para ação e existência de formas de ser no mundo, portanto, como as classificações de pessoas afetam as pessoas classificadas.

Hacking acredita que os modos como as pessoas são entendidas e veem a si mesmas se modificam, a partir da criação de novas categorias, de modo que as pessoas espontaneamente passam a se encaixar em suas categorias. A essa identificação das pessoas com as classificações, o autor chama nominalismo dinâmico. Ao estudar a categoria “múltiplas personalidades” entende que um ‘tipo’ de pessoa passou a existir, no mesmo instante em que o próprio ‘tipo’ estava sendo inventado, a categoria e as pessoas inseridas nela emergiram juntas. É parte desse fenômeno de invenção-identificação que denomina como um ato de “inventar pessoas”, pois altera o espaço de possibilidades para se ser uma pessoa. Assim, vários tipos de seres humanos e atos humanos passam a existir junto com nossa invenção dos modos de nomeá-los. Pode dizer-se que a Ontologia Histórica de Hacking (2009), por um lado, assume da Arqueologia do Conhecimento foucaultiana a atenção às formações discursivas e as suas transformações, algo que implica prestar atenção às descontinuidades epistêmicas. Assim, entende que cada categoria tem sua própria história e que há disputa entre usos de categorias.

Em sua obra *A Arqueologia do Saber* (1969/2008) Foucault apresenta um método que proporciona recursos para investigar a produção dos saberes científicos e dos discursos que justificam esses saberes. O método arqueogenealógico foucaultiano direciona o olhar do pesquisador aos discursos sociais permitindo pensar a relação entre discurso e poder, ou seja, a relação entre verdade e saberes, valores, instituições e práticas sociais que dão lugar a tipos definidos de discursos. Entende que as práticas discursivas são constitutivas do conhecimento, assim como condições de sua transformação em ciência, desde que associado a uma dada formação discursiva, no sentido de compreender as formas pelas quais os poderes ligam-se a determinados discursos, a fim de produzir efeitos de verdade. Assim, propõe analisar as condições de possibilidade dos discursos, suas regras de formação que definem seus objetos, modalidades enunciativas, sujeito, conceitos e estratégias de um tipo particular de discurso. O que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a episteme nos conhecimentos, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico (FOUCAULT, 2008, p. XVIII-XIX).

O discurso a que se refere o autor é um discurso que constitui objetos de conhecimento, os sujeitos e as formas sociais do “eu”, as relações sociais e as estruturas conceituais. Na presente pesquisa, interessa pensar a construção discursiva de sujeitos sociais, do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social, a partir das principais ferramentas conceituais, apropriadas a partir da obra de Foucault, ressaltando o aspecto metodológico dos conceitos apresentados, de modo a constituir instrumentos suficientes para enfrentar as práticas (discursivas e não-discursivas) dos saberes produzidos durante e após o caso da boate Kiss em Santa Maria.

Essa abordagem de análise de discurso requer uma especificação sócio-histórica variável de formações discursivas, sistemas de regras que tornam possível a ocorrência de certos enunciados e localizações institucionais já que importa saber os lugares institucionais de onde emergem os enunciados, dando ênfase à análise das relações entre texto, discurso, sujeito, contexto e história. Foucault (2008) destaca a importância da interdependência das práticas discursivas de uma instituição ao ressaltar que os textos sempre recorrem a outros textos contemporâneos ou historicamente anteriores, sendo qualquer prática discursiva gerada pelas relações com outras práticas discursivas.

Assim, para o autor, na análise de discurso deve-se investigar as *formações discursivas*, que consistem em regras de formação para o conjunto particular de *enunciados* que pertençam a elas, e de regras para a formação de *objetos*, de regras para formação de *modalidades enunciativas* e posições do sujeito, de regras para a formação de conceitos e de regras para a formação de *estratégias*. As quatro possibilidades de análise propostas como Formação Discursiva, “correspondem aos quatro domínios em que se exerce a função enunciativa” (2008, p. 131). Ainda, é importante salientar que a prática do discurso forma um sistema que relaciona cada domínio entre si sem que haja uma hierarquização entre eles, portanto, não há justaposição nem autonomia absoluta, fazendo um nível sempre depender do outro em sua formação.

1.1 As Unidades do Discurso

A seguir serão discutidos os conceitos de *discurso*, *formação discursiva*, *enunciado*, *objeto*, *modalidade enunciativa*, *estratégia* e *prática discursiva*.

A noção de Discurso é empregada como: “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais pode-se definir um conjunto de condições de existência (...)” (FOUCAULT, 2008, p. 135-136). Assim, para Foucault, discurso é entendido como prática, na medida que é capaz de definir um saber, além de condicionar funções e formas de comportamento numa época, de modo que o discurso pode fabricar e ajustar discursos, regular sua aplicação e produção em instituições e relações sociais. O discurso constrói o conhecimento e regula, através da produção de categorias e conjuntos de textos, o que é possível de ser falado e o que não é, produzindo poder e conhecimento simultaneamente.

Assim, o discurso relaciona a língua com outras práticas no campo social, reúne elementos tanto da fabricação e ajuste dos discursos quanto da aplicação e produção destes, nas instituições e nas relações sociais, definindo o sujeito, moldando e posicionando quem ele é. O discurso faz com que algumas categorias do pensamento e linhas de argumentação se tornem verdades enquanto outras maneiras de pensar, ser e agir sejam marginalizadas. Indo além, o autor menciona a necessidade de definir um “conjunto de condições de existência” do discurso, com isso, refere-se ao fato de que um discurso não está sozinho na história e segue as relações já postas pelos saberes e pelas instituições já estabelecidas, que desempenham o papel de um a priori histórico.

As formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço ou campo discursivo, ou seja, elas estão sempre em relação como determinados campos de saber. Para Foucault (2008), é preciso descrever certo número de enunciados que se remetam a um mesmo objeto, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, para que organizem estratégias. Assim, quando falamos em discursos psi, discurso psiquiátrico, médico ou psicológico, estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva: da medicina, da psicologia, da psiquiatria. Isso, porém, não significa definir essas formações como disciplinas ou como sistemas fechados em si mesmos, pode-se dizer que seus enunciados têm força de "conjunto" e se situam como novos campos de saber, os quais tangenciam mais de uma formação. A formação discursiva deve ser vista, antes de qualquer coisa, como o "princípio de dispersão e de repartição" dos enunciados, segundo o qual se "sabe" o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo. Assim, a formação discursiva não define de modo estático o enunciado, mas

regula a possibilidade de emergência de objetos enunciáveis, na mesma medida em que a própria formação discursiva não possui qualquer existência prévia à ocorrência dos enunciados dos quais constitui o princípio de dispersão. Deste modo, as formações discursivas são constituídas por enunciados que permitem:

(...) definir o regime geral a que obedecem seus objetos, a forma de dispersão que reparte regularmente aquilo de que falam, o sistema de seus referenciais; que se defina o regime geral ao qual obedecem os diferentes modos de enunciação, a distribuição possível das posições subjetivas e o sistema que os define e os prescreve; que se defina o regime comum a todos os seus domínios associados, as formas suscetíveis, e o sistema que liga, entre si, todos esses campos de coexistência; que se possa, enfim, definir o regime geral a que são institucionalizados, recebidos, empregados, reutilizados, combinados entre si, o modo segundo o qual tornam-se objetos de apropriação, instrumentos para o desejo ou interesse, elementos para uma estratégia” (FOUCAULT, 2008, p. 133-134).

O conceito de enunciado parece ser o que sintetiza melhor a elaboração do autor sobre uma possível "teoria do discurso". Para que seja possível a existência de um enunciado e sua identificação como tal, é preciso estar atento as quatro pré-condições que regem a sua formação discursiva: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de "posição" a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica, por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais (FOUCAULT, 2008, p. 133). Ainda, a arqueologia atenta para a descrição das condições de existência do enunciado ou do conjunto de enunciados de determinada época ou cultura.

Para Foucault, interessa a sua condição mesma de enunciado, em seus quatro elementos básicos: 1. o tema do qual trata a discussão, a própria coisa da qual se ocupa a prática discursiva; 2. alguém que pode efetivamente afirmar aquilo (psicólogos, psiquiatras, que de preferência tenham atuado nos atendimentos psi, também em reportagens de jornais e na televisão); 3. o fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e correlação com outros enunciados, do mesmo discurso (no caso, o discurso psicológico, psiquiátrico) ou de outros discursos (por exemplo, o discurso midiático, religioso); 4. finalmente, a materialidade do enunciado, as formas muito concretas com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos psicológicos, em falas de profissionais psi, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas. Importa para este trabalho a materialidade do enunciado que diz respeito à forma como a mídia se apropria do discurso psi e o multiplica

em inúmeras reportagens sobre como vítimas, sobrevivente, familiares e demais moradores da cidade lidam (ou devem lidar) com o luto e o sofrimento.

Aqui, “enunciado” será entendido como um “ato discursivo sério”. Isto é, um “ato de fala”, com a peculiaridade que de ele não é um “ato de fala” cotidiano, mas sim um “ato de fala” investido de um valor de verdade, sendo neste sentido “sério”, enunciados são atos discursivos, discursos embasados em autoridade científica. Já como um ato discursivo sério, pode-se exemplificar a atribuição de um diagnóstico a um paciente psiquiátrico como “depressivo” realizada por um médico autorizado a fazê-lo (ALMEIDA, 2009).

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva. As próprias designações já carregam elementos que remetem a teorias diversas, a épocas distintas e que, seguramente, resultam em tratamentos igualmente diferentes entre si. Em suma, a “realidade” da doença mental só existe no momento em que é tornada verdadeira através de um diagnóstico emitido pelo sujeito autorizado a fazê-lo. Assim demanda necessariamente a referência à formação discursiva na qual ele está inserido, devido ao tipo de “verdade” que ele aciona. Isto é, os enunciados posicionam os sujeitos - aqueles que o produz, mas também para aqueles que são dirigidos – não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz, mas em determinar que posição pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dela.

O autor enfatiza a necessidade de tratar os discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. (FOUCAULT, 2008, p. 56). Por objetos, Foucault entende objetos de conhecimento, as entidades em que as disciplinas particulares ou as ciências reconhecem dentro de seus campos de interesse e que elas tomam como alvos de investigação. Assim, os objetos do discurso são constituídos e transformados em discurso de acordo com as regras de uma formação discursiva específica. Quando se propõe analisar como “os objetos são constituídos”, o autor está se referindo à emergência de objetos sobre os quais serão formulados enunciados; nesse sentido significa definir as regras de dispersão dos enunciados que delimitam uma formação discursiva.

Modalidade enunciativa diz respeito ao lugar onde o enunciado é elaborado e emitido, que tem associado suas próprias posições de sujeito. Modalidade enunciativa, são tipos de atividades discursivas como a descrição, formação de hipóteses, formulação de regulações,

ensino, que tem a si associada uma posição de sujeito. Por exemplo, à presente pesquisa, interessa pensar as modalidades enunciativas dos meios de comunicação tradicionais - leia-se jornais locais -, materiais científicos e depoimentos de profissionais psi que atuaram na “tragédia da boate Kiss”. Nesse caso, cada discurso (composto por um conjunto de enunciados) diferencia-se conforme o meio e a modalidade enunciativa; situa-se entre os enunciados sobre sofrimento, dor e luto, produzidos e em circulação entre campos como o da psicologia, da psiquiatria, da comunicação de massa. Assim, analisar como “os sujeitos se colocam” implica identificar as posições de sujeito por eles ocupadas e, com isso, definir a modalidade enunciativa que eles empregam. Todos esses fatores atribuem ao enunciado uma legitimidade específica, na medida de sua repercussão, de seu alcance, das possibilidades de aceitação ou questionamento, isso porque

...[não há] enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências (FOUCAULT, 2008, p. 114).

É preciso, portanto, através de uma análise comparativa, repartirmos em figuras diferentes a diversidade dos enunciados e dos discursos (FOUCAULT, 2008, p. 183). Em outras palavras, considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos, ou seja, a heterogeneidade que subjaz a todo discurso, principalmente pensando na mídia, pois trata-se um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam, de modo que é considerado um veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados "verdadeiros" em nossa sociedade, mas que, de toda forma, também se impõe como criadora de um discurso próprio. Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação.

Estratégia se refere ao usos e articulações possíveis dos objetos, modalidades enunciativas e conceitos no contexto de uma formação discursiva determinada. Remete às práticas não-discursivas que constituirão o foco do eixo genealógico de Foucault.

Pode-se definir o conceito de “prática discursiva” como “(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício de uma função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 136). As "coisas ditas",

portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso. Desta forma, uma prática discursiva consiste no conjunto de possibilidades da execução daqueles enunciados cujo princípio de dispersão é definido por uma formação discursiva determinada, constituída pela emergência de um “objeto” específico, sobre o qual podem ser elaborados “conceitos”, a partir de uma “modalidade enunciativa” definida pela posição ocupada pelo sujeito enunciador (ALMEIDA, 2009).

2. O SOFRIMENTO RETRATADO NO JORNAL: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DA TRAGÉDIA KISS

Nesse primeiro momento busca-se entender as narrativas midiáticas de sofrimento no jornal Diário de Santa Maria, a partir da análise de reportagens sobre o caso Kiss, no período de 2013 a 2016. Nesse sentido, detemo-nos a reportagens que têm o sofrimento como operador central da sua constituição narrativa. A primeira estratégia metodológica foi um exercício de observação das reportagens de jornal que tematizaram a experiência do sofrimento, dando início ao processo de pesquisa exploratória, prática metodológica fundamental que permite recolher do mundo empírico elementos para alimentar nossas construções (DIAS, 2018). Em um segundo momento, fez-se a busca de indícios como

caminho para a investigação e construção de inferências. Para melhor apreensão, foram feitos alguns procedimentos de categorização, com o auxílio do software NVIVO. A partir da movimentação do caso, do foco nas tematizações e na circulação de sentidos, é possível compreender o modo como o caso se estrutura narrativamente ao longo do tempo, e vão se dando as reconfigurações dos acontecimentos jornalísticos que tematizam a experiência do sofrimento (DIAS, 2018).

O jornalismo, mais especificamente, o jornal Diário de Santa Maria⁸ é definido como objeto de pesquisa, pois se trata do principal veículo impresso de comunicação na cidade, e região. Ademais, pensa-se este jornal como um agente fundamental responsável por manter a comunicabilidade entre os profissionais de saúde e os diferentes grupos que integram a cidade de Santa Maria e região. Além disso o jornal Diário de Santa Maria esteve em contato com os profissionais psi dos serviços de saúde relacionados à “tragédia”, inclusive convidando-os para entrevistas e esclarecimentos. Indo além, o serviço de saúde implementado pela prefeitura⁹ realizou “uma série de movimentos foram feitos, dentre os quais a reunião com profissionais de veículos importantes de comunicação do RS”, visando minimizar o efeito nocivo que matérias de caráter sensacionalista poderia causar, o que foi uma das primeiras informações do Boletim que informava as ações da Atenção Psicossocial: “Conseguimos reverter a pauta da mídia, vinculando mensagens mais positivas, de projetos de vida, utilizando preferencialmente as redes sociais, comunidades vizinhas e vínculos com o próprio território (SMS/SM, 2013)” (CABRAL *et alia*, 2016, p. 102).

⁸ À época o jornal Diário de Santa Maria era um dos 8 veículos impressos do Grupo RBS, localizado em Santa Maria, no interior do Estado do Rio Grande do Sul. O jornal circula em 39 cidades gaúchas, sua circulação média diária passa dos 20 mil exemplares. Em 2009, o site do jornal passou a ser atualizado 24 horas por dia e conta com mais de 500 mil visitas mensais. A publicação conta com uma equipe de 31 profissionais, além de sete colunistas e sete cronistas fixos. O jornal tem como característica a valorização do regional e é reconhecido pelo forte envolvimento com a comunidade onde atua. O jornal DSM, apesar de ser uma publicação com pouco mais de dez anos, já é o jornal mais lido na região central do estado. Para a editora-executiva Sparremberg, cobrir a Kiss foi mais que cobrir uma guerra: demandou muito do jornalista, tanto profissional quanto emocionalmente e o principal objetivo do jornal era levar o máximo de informação checada aos leitores e ser um prestador de serviços (OLIVEIRA, 2013, p. 36-44). A partir de fevereiro de 2017 não pertence mais ao Grupo RBS, após ser comprado por um grupo de empresários locais. Disponível em:

<<http://coletiva.net/noticias/2016/11/rbs-vende-diario-de-santa-maria/>> Acesso em: 13/10/19.

⁹ O serviço emergencial *Acolhimento 24 horas*, foi formado logo após o incêndio por profissionais de saúde da rede municipal e principalmente por voluntários. Disponível em: <<https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/6108-nucleo-de-atencao-psicossocial-instalado-no-caps-caminhos-do-sol-ja-realizou-193-atendimentos>> 22/09/2019. Foi formalizado pela prefeitura em março de 2013, recebendo o nome de *Acolhe Saúde*. Disponível em: <http://portal.urisantiago.br/sistema/arquivos/doc_20130301-856.pdf> Acesso em: 22/09/2019. Ver em: GONÇALVES (2017).

2.1 Como olhar - e mostrar - a dor dos outros?

Desde os primórdios do jornalismo, o trágico desperta interesse do público e a ocorrência de acontecimentos fatais despertam compaixão ou horror, piedade ou indignação. A catástrofe e seu tom de desgraça surpreendem o cotidiano e abalam a estabilidade habitual, geralmente tem grande abrangência social através do sofrimento, na medida que comovem e aterrorizam a sociedade, seja pelo número de vítimas, pelo contexto do acontecimento, ou mesmo por evidenciar a fragilidade humana frente ao imprevisível, o trágico, o catastrófico. Em situações inesperadas como as tragédias, o fazer jornalístico é tomado por uma carga emocional muito grande, e a dificuldade de obter informações em um ambiente de caos o faz recorrer aos testemunhos e depoimentos que ilustram a matéria, sendo a emoção e a empatia fundamentais nesse processo de relatar e narrar a dor e o sofrimento alheio (SONTAG, 2003).

Embora eventos catastróficos exponham os limites da capacidade midiático-comunicativa, é fundamental ressaltar a importância da atuação das mídias sociais no caso Kiss, desde a informação sobre feridos e número de mortos, localização dos familiares, até a mobilização de voluntários, e organização de atos públicos, mas, indo além, a prática jornalística não consiste apenas em fornecer informações, mas participar de uma partilha de emoções, pois também estão preocupados com elementos humanos dos acontecimentos, já que “a inserção da atividade midiática no entorno social, sua força problematizadora e os vínculos que sua ação proporciona fazem-se sucedâneos de uma nova compreensão do político na sociedade contemporânea” (SILVEIRA e DALMOLIN, 2014, p. 264) Como o foco deste trabalho é a análise do discurso jornalístico, é importante considerar que em um contexto de comunicação de massa (CASTELLS, 2015) a produção e publicação jornalística mudaram a dinâmica da notícia nas redes sociais na internet, tornando-se muito mais dinâmicas e rápidas com as novas tecnologias de informação e comunicação, oferecendo ao leitor rápido acesso às matérias, interatividade e atualização constante das notícias, tendo a socialização de informações potencializada.

Ao deparar-se com a necessidade de noticiar a dor e a dificuldade dessa tarefa, põe-se em questão o próprio papel da emoção no jornalismo. A partir das abordagens que surgiram após o caso Kiss, que reflete sobre essas questões com maior consonância com a perspectiva adotada na presente pesquisa, considera que valores binários como objetividade e

subjetividade, razão e emoção não dão conta da densidade e singularidade de reportagens desse tipo, ou seja, defende uma abordagem integrativa da emoção e da razão (MORETZSOHN, 2014). Reitera-se, então, a relação dialética entre esses conceitos, não apenas para pensar quem apreende os fatos e os notícia, mas também quem os vivencia e sofre.

É importante entender que a separação entre razão e emoção dificultam a compreensão de que a expressão das emoções obedecem a lógicas pessoais e sociais, da mesma forma que a razão não é possível fora de uma compreensão emocional. Damásio (2012) nos ajuda a pensar a origem da dicotomia razão vs. emoção no pensamento ocidental, quando aponta o que acredita ser o erro de Descartes, a separação do sujeito entre corpo (coisa extensa) e mente (coisa pensante), ou seja, o ato de pensar como uma atividade separada do corpo:

[...] É este o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. [...] (DAMÁSIO, 2012, p. 218-219).

Le Breton (2013) defende que as emoções são resultado de uma avaliação dos acontecimentos vividos, assim, quando o ser humano pensa, é sempre afetado, alguém que reúne o fio de sua memória impregnada de certo olhar sobre o mundo e sobre os outros. Pode-se pensar inclusive que a emoção e os afetos têm papel moral fundamental sobre a forma como se vê as coisas no mundo, considerando ainda que a emoção ocupa um espaço fundamental na tomada de decisões e no processo de cognição. Nesse caso, não é a ausência de emoção que nos tornaria mais racionais. Damásio (2012) sugere "que certos aspectos do processo da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade". Assim, nem razão, nem emoção seriam tão puros e distintos como costumeiramente são tratados, estariam então, entrelaçados, unidos em uma relação dialética de complementariedade (MORETZSOHN, 2014).

Moretzsohn (2014) defende uma nova abordagem no jornalismo, que estabeleça um equilíbrio entre razão e emoção, objetividade e subjetividade, e que não caia em simplismos e generalizações tais como as que consideram que jornalismo emotivo é sensacionalista e

jornalismo sério é feito de forma objetiva¹⁰. Primeiro porque o jornalismo está sempre lidando com sensações, não só porque as emoções fazem parte da vida, mas porque a informação jornalística reproduz as condições da experiência, que permite que a emoção se expresse através dela e seja um recurso importante para a captura da atenção, e na geração de emoções naquele que recebe e interpreta tais informações. Um exemplo pertinente é a exibição exaustiva das mesmas imagens marcantes em um curto espaço de tempo, como algo que impressiona, comove, choca e quebra com continuidades cotidianas¹¹, justamente porque essas sensações geradas pelas imagens, assumem o papel de reproduzir a realidade (MORETZSOHN, 2014).

Uma sugestão apresentada pela autora é que, “talvez seja a identificação das sensações ao universo popular, não intelectualizado decorrente da contraposição racionalismo das elites x irracionalismo das ‘massas’, [...] que dificulte a aceitação da emoção como valor para o jornalismo de qualidade” (MORETZSOHN, 2014, p. 99), e reforce ainda mais a dificuldade em encarar situações que exigem do jornalista a capacidade de lidar com a esfera fluida da sensibilidade humana. E por isso, é necessário que sejam refletidos os significados que são atribuídos à neutralidade, objetividade e pureza dos fatos. Talvez, em eventos como catástrofes e tragédias do porte do caso Kiss, ser objetivo implique ter sensibilidade para perceber a particularidade da dimensão de emoções que transbordam a todo momento. Ainda que se use em demasia o relato dramático dos que escaparam e dos que haviam perdido seus filhos, parentes próximos ou amigos, é impossível escapar da incapacidade de expressar a

¹⁰A busca por objetividade ainda é algo presente nos discursos de produtores de matérias jornalísticas, por exemplo, o editor do diário Zero Hora de Porto Alegre, Nilson Vargas (2013), posicionou-se dizendo que razão e sensibilidade definem os parâmetros da cobertura da tragédia e o discurso da objetividade jornalística buscou impor-se frente a outros discursos (SILVEIRA e DALMOLIN, 2014, p. 264). Assim, buscou-se o efeito de objetividade através da soma de relatos autobiográficos de populares, de familiares e de profissionais reavivados em constantes aparições (SILVEIRA e DALMOLIN, 2014). Desse modo, pode-se perceber que elementos não racionais (perigo, medo, risco, acaso) se revelam através do discurso jornalístico sobre a tragédia para garantir a legitimidade social dos veículos de comunicação, pois aspectos não racionais, ligados aos sentimentos, são catalisadores de rupturas e transformações da experiência social (ORELLANA e GUIMARÃES, 2014).

¹¹ Aqui pode-se pensar em uma ruptura com a segurança ontológica, conceito elaborado por Giddens (1991) que “se refere à crença que a maioria das pessoas têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes” (1991, p. 95) Portanto diz respeito ao sentimento que temos sobre a continuidade das coisas e das pessoas; um sentimento que se vincula à rotina e à influência do hábito. Trata-se de um fenômeno emocional em vez de cognitivo, e está enraizado no inconsciente não em formas racionais de ação. No livro escrito pelos profissionais de saúde sobre as suas atuações no acolhimento das pessoas afetadas pelo incêndio, uma psicóloga afirma que nos primeiros momentos pós incêndio “percebia-se, na narrativa dos familiares, o esvaziamento das referências responsáveis pela significação sobre a vida, numa posição de desistência e de perda de ideais como Deus, futuro, projetos, autoridades (DASSOLER, MAFACIOLI, LUDTKE, 2016, p. 198).

dimensão subjetiva do caso e significar a realidade. O jornalismo se defronta com os limites da linguagem e não há como descrever, embora os números tentem dar a dimensão da tragédia, os elementos de irregularidade conduzam a indignação, e mesmo que as imagens tentem explicitar o fato em si, ainda resta a dor para ser descrita e mesmo assim ainda estará muito distantes do significado do acontecimento em sua plena extensão (MORETZSOHN, 2014).

Ainda sobre a reflexão a respeito de como olhar e mostrar a dor e sofrimento alheio, o jornalismo tem de lidar com a sua grande dificuldade que é capturar o sentimento sem cair no clichê, e para isso sugere-se que é preciso acolher a emoção como um valor para o jornalismo, pois, excluindo o sofrimento humano, não é possível pensar na cobertura de uma tragédia como a de Santa Maria, sem a exposição do drama vivido pelas pessoas. Assim, propõe-se repensar perguntas tidas como clichê, feitas a familiares ou sobreviventes em momentos de forte dor e comoção, porque a exposição de cenas como essas são importantes para estabelecer vínculo afetivo com quem assiste, pois é uma tentativa de fazer o leitor se colocar na condição da pessoa que sofre. Além disso, são diversas as formas como as pessoas reagem e usam esse espaço, seja para manifestar a sua dor ou revolta, apelo por justiça, sendo porta-voz do sofrimento e protesto coletivo ou ainda, e muito frequentemente, a paralisia do choque. Certamente, haverá casos que o melhor a fazer diante de uma tragédia é silenciar e respeitar o silêncio dos sobreviventes. Há acontecimentos que simplesmente não podem ser descritos e a mediação é apenas um recorte numa fração da realidade (MORETZSOHN, 2014).

2.1.2 Enquadramento: Comoção e Indignação

Susan Sontag (2003) chama atenção para o fato de que ser espectador e ter consciência do sofrimento provocado por calamidades é uma experiência moderna, que surge após uma sociedade de consumo estabelecida e à incorporação de registros fotográficos na fábrica de notícias, que além de gerar documentos de registro visual, também coloca seu olhar sobre o sofrimento e garante a memória da violência. Contudo, para pensar em registro de catástrofes e tragédias, é preciso pensar que a própria prática discursiva e de registro de imagens não representam a realidade, apenas um recorte dela, e não têm o mesmo significado

para quem passou por essas experiências reais. A esse recorte da realidade que é expressado e representado, dá-se o nome de enquadramento, conforme proposto por Judith Butler (2015).

O jornalismo não tem como dar conta de toda a dimensão do acontecimento, narrar ou descrever, já não é possível devido à falta de palavras para se expressar, assim, o jornalista escolhe alguma forma para recortar e dar ênfase na matéria jornalística. Pensa-se então, que esse recorte serve como um enquadramento, molduras que restringem e ao mesmo tempo configuram o olhar do leitor. Assim, é uma forma de, a partir de modos culturais, regular as disposições afetivas e éticas por meio de um enquadramento seletivo e diferenciado do acontecimento (BUTLER, 2015, p. 13). É importante refletir que as matérias de jornais portam crenças e visões sociais de mundo, que podem reproduzir, inaugurar ou modificar interpretações sobre o mundo, e mobilizar diferentes processos emocionais e culturais. “As fontes jornalísticas auxiliam na constituição do acontecimento e no enquadramento dado a ele, a partir de relatos que envolvem conhecimento, poder, experiência, vivências e emoções (AMARAL, 2011, p. 65). Nesse sentido, o enquadramento funciona como molduras pelas quais percebe-se a situação, que direcionam implicitamente a interpretação, porém não determinam realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos (BUTLER, 2015, p. 22).

Atenta-se, portanto, que não se trata apenas de encontrar um conteúdo publicável, mas é preciso trabalhar com interpretações recebidas da realidade. Aqui nos interessam as questões levantadas pela autora: “como a comoção é produzida por essa estrutura do enquadramento? E qual é a relação da comoção com o julgamento e a prática de natureza ética e política?” (BUTLER, 2015, p. 27). Em primeiro lugar, pode-se pensar que tudo o que se pensa sobre morte e sobre luto no ocidente, “serve à vida que já foi vivida e pressupõe que essa vida já está terminada” (BUTLER, 2015, p. 30). Portanto, existe, no imaginário social, um ciclo esperado para a vida, fundado nas realizações de cada sujeito, pois, é a partir das realizações em vida que, na maioria das vezes, constroem-se sentidos e diferenças entre a morte “prematura” e a morte “esperada” (que normalmente inclui sujeitos com um longo tempo de vida).

Além da condição de classe média das vítimas do incêndio da boate, a morte de uma grande quantidade de jovens faz surgir significações sobre a inadequação do momento da morte, a partir de quadros interpretativos que enfatizam a fatalidade. Quanto mais novas forem as vítimas, e quanto mais abrupta a morte, mais ela é considerada trágica e aumenta o

grau de dificuldade de aceitação da perda. Assim, a tragédia é enquadrada de determinadas maneiras a fim de controlar e potencializar a comoção em relação à condição diferenciada de determinadas vidas que são passíveis de luto (BUTLER, 2015). Existe uma ideia sustentada culturalmente de que no caso de pais que sepultam filhos existe um rompimento do ciclo natural da vida, remetendo a dificuldade de elaboração e aceitação da perda. Além disso, a proximidade do enlutado com a vítima é diretamente proporcional a intensidade da dor e do prolongamento do luto, ou seja, quanto mais próximo, íntimo, familiar, a dor é referida como sendo mais intensa. Para os pais enlutados, a dor da perda é tida como mais profunda que a dos demais, pois perder um filho não é um fato tido como “natural” ou esperado.

Ainda, pode-se refletir sobre o enquadramento dado pela mídia à “tragédia da boate Kiss”, no que tange às disposições afetivas politicamente significativas que podem ter sido geradas devido ao poder regulatório das mídias. É importante destacar dois aspectos valorizados na cobertura jornalística segundo o material analisado, e que desenharam as manifestações posteriores ao caso Kiss: a comoção e a indignação. Butler (2015) explica que deve-se compreender o poder regulatório que cria esse diferencial no nível da resposta afetiva e moral, mas é importante lembrar que a capacidade de resposta não é um estado meramente subjetivo, mas sim uma maneira de responder àquilo que está à disposição. Os sujeitos, enquanto seres sociais, encontram-se em meio a interpretações sociais elaboradas, e portanto, a comoção nunca é individual, ela é transmitida de outro lugar, as nossas reações morais são tacitamente reguladas por certos tipos de enquadramento interpretativo, e nos predispõe a perceber o mundo de determinada maneira e acolher certas dimensões do mundo e resistir a outras e reivindicá-la como nossa, com a condição de que já estejamos inscritos em um circuito de comoção social (BUTLER, 2015, p. 81-2). Ou seja, “o que sentimos é parcialmente condicionado pela maneira como interpretamos o mundo que nos cerca” (BUTLER, 2015, p. 68) e a forma de interpretar o que sentimos pode alterar os próprios sentimentos, assim, a própria comoção é estruturada por esquemas interpretativos, que distingue as vidas dignas das não dignas de consideração e diferencia “os gritos que podemos ouvir dos que não podemos, as visões que conseguimos enxergar das que não conseguimos (BUTLER, 2015, p. 83).

Pensa-se então que o luto público foi acionado, ora pela comoção, ora pela indignação. Márcia Amaral (2011) reconhece que, “no caso de acontecimentos como as tragédias ou catástrofes, a emoção é constitutiva do enquadramento e, por isso, o uso de

elementos de uma matriz dramática é frequente” (AMARAL, 2011, p. 66), o que se revela na presença de fontes testemunhais ou de outros recursos narrativos, que são utilizados para humanizar o relato. Assim, os meios de comunicação divulgaram as imagens daqueles que morreram, com seus nomes, suas histórias pessoais, as reações de suas famílias. Mas o luto público também esteve relacionado à indignação diante da injustiça frente a perda irreparável de 242 jovens e gerou um enorme potencial político, que foi mobilizado por respostas afetivas, que foram reguladas por regimes de força e, algumas vezes, sujeitas à censura explícita. Aqueles que procuravam limitar o poder da imagem, nesse caso, também procuravam limitar o poder da comoção, da indignação, perfeitamente conscientes de que isso poderia, colocar a opinião pública contra si, o que “nos leva de volta à questão de como a comoção é regulada e de qual é a nossa intenção ao regular a comoção” (BUTLER, 2015, p. 67). Além disso, acompanhar distribuição desigual do luto público ao longo de tempo é uma questão política de imensa importância¹².

O acontecimento experienciado e narrado fornece elementos para a construção do acontecimento jornalístico, assim como este modifica a percepção daquele (DIAS, 2018). O que acontece no cotidiano faz sentido como notícia em função de sua transformação em narrativa e dos modos como são apresentadas pelos operadores jornalísticos, a partir de referências que dão às narrativas elementos de inteligibilidade, o que implica relacioná-las a alguma dimensão do social reconhecível por quem as receberá. Estamos afetivamente presentes no mundo, permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo tocado por eles, a expressão das emoções está ligada à interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, assim, depende de um emaranhado de interpretações que se dá aos significados e que se atribui à determinada situação, depende da percepção, daquilo que se acredita e/ou da memória. A emoção surge da avaliação do acontecimento. O papel do significado fundamenta a emoção experimentada em uma dimensão simbólica, ou seja, interpretação dada pelo indivíduo condiciona o conteúdo de sua emoção. A afetividade é tecida mediante o entrelaçamento inseparável do mundo e do significado na escala individual de cada indivíduo (LE BRETON, 2009).

Um dos recursos discursivos do jornalismo na “tragédia da boate Kiss” foi destacar o evento em relação ao que é da esfera do sofrimento, ao que se sente, ao que se sofreu e ao que

¹² Ver SIQUEIRA, M.; VICTORA, C. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto Da “tragédia de Santa Maria”. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 25, abril/2017.

atingiu, sem deixar de questionar a intencionalidade ou a responsabilidade da tragédia. Nesse caso, o papel das fontes testemunhais foram de extrema importância, pois as emoções que preenchem o discurso das fontes, logo após a tragédia, mobilizam para a dor e o sofrimento, mas também para a busca de justiça. Assim, tragédias como a da boate Kiss tem a participação de atores sociais midiáticos ativos na construção de narrativas sobre o sofrimento, através de relatos, depoimentos e entrevistas. Desse modo, o acontecimento é abordado a partir do sofrimento que ocasiona a alguém e prolonga-se na dor das perdas e na ação coletiva com vistas a tornar mais suportável a devastação, ao mesmo tempo que ressalta na luta dos familiares por reparação e justiça.

Uma das formas de abordar o sofrimento, a dor e as emoções evocadas pelo acontecimento trágico no jornal é a valorização de relatos pessoais de testemunhas, pais de vítimas, sobreviventes, focalizando, sobretudo, nos efeitos individuais da tragédia. Ocupam lugares nas manchetes dos jornais fotos, histórias reconstituídas, nome, idade, profissão e as pessoas aparecem como vítimas de uma tragédia que modifica abruptamente suas vidas cheias de projetos. Entretanto, não só de pessoas vitimizadas que o jornalismo organiza discursivamente o acontecimento e modula seus enquadramentos. Recorre-se a relatos de fontes como autoridades e experts para explicar o fato, dada a posição de poder ou qualificação profissional. Ou então, para tornar legítima a versão da matéria, testemunhas que apresentam relatos do ponto de vista de uma experiência individual e parcial, que envolve recursos narrativos que dão o efeito do “aqui e agora” é legitimada pela presença de quem vivenciou o fato, mesmo que suas palavras literais não sejam publicadas, pois o testemunho é uma prova cabal, afinal, alguém relata o que viu ou ouviu ou sentiu. Além disso, o que eleva alguém à condição de fonte é justamente sua perda ou sofrimento. “O testemunho é a fala do urgente, do pungente, do desespero, do sofrimento e da busca de solução individual [...]. A história de vítimas, por exemplo, muitas vezes é o fio condutor de narrativas sobre acidentes e catástrofes” (AMARAL, 2011, p. 74). Assim, entrevistas e testemunhos no contexto jornalístico, funcionam como sinais de marcação de realidade e os procedimentos discursivos de referencialidade são dados pela emoção.

Ainda sobre a cobertura jornalística, é importante salientar que ela é responsável por dimensionar e de alguma forma construir narrativamente os acontecimentos, gerando consensos, construindo novas atualidades e realidades, seja a partir de relatos, seja através da explicação dos fatos pelos experts. Mesmo recorrendo a sentimentos e emoções das

testemunhas para humanizar os relatos daqueles que sofrem, dando um enfoque mais restrito e vida privada, a comunicação tende a suscitar experiências singulares, mas socialmente marcadas e por isso, não ignora o contexto e os recursos narrativos também expressam a gravidade da experiência, seus possíveis culpados, as negligências, e trata o acontecimento como uma tragédia evitável, formando também um enquadramento político em busca de justiça. Assim, a perspectiva adotada por esta monografia entende que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade.

Jussara Freire (2011) tem como objetivo descrever a presença de emoções e de afetos expressos por lideranças de movimentos sociais, pode nos ajudar a pensar o contexto de Santa Maria e a atuação dos pais das vítimas da “tragédia da boate Kiss” quando constroem suas reivindicações políticas, relacionando as emoções com o trabalho cognitivo de definição de assuntos prioritários na busca por justiça. “Justiça” que, neste caso, encontra-se vinculada à responsabilização de diferentes agentes e instituições públicas pelo ocorrido (SIQUEIRA e VICTORA, 2017). Ressalta-se a importância de considerar as percepções de justiça a partir da relação com as manifestações afetivas e emocionais das pessoas envolvidas nas reivindicações, portanto, considerar as emoções como recursos cognitivos que dão forma às reivindicações políticas, inseparáveis de formas cognitivas de avaliação. Sendo assim, a própria mobilização da emoção ajustada à situação formal da busca de justiça é uma competência fundamental dos protagonistas de ações coletivas, seja caracterizadas pelo sentimento de indignação mobilizada pelos coletivos, seja pelo apelo para a compaixão dos governantes, a humilhação, ou ainda, a tristeza e o medo.

Esse contexto nos leva a pensar como a emoção pode ser um recurso mobilizado para a publicização nas mídias de determinados assuntos considerados prioritários, assim como de constituição e formação de espaços públicos, através da sensibilização, a partir das percepções dos próprios atores do que eles consideram justo e injusto, de situação em situação, e entender como estes “sentidos do justo” constituem a trama da construção da ordem pública. O próprio discurso midiático opera como princípios interpretativos para analisar os sentidos de justiça os quais precisam ser contextualizados nos seus universos sociais, espaciais e temporais (FREIRE, 2011). A gramática política dos atores engajados mobilizava os sentimentos de tristeza, de humilhação, descaso ou, ainda, de desrespeito para com as reivindicações de justiça, sentimentos esses mobilizados no sentido de comover, pois se

tratavam de vivências afetivas compartilhadas, atuando como recurso para o outro, poder se reconhecer nestas reivindicações e assim ganhar adesão da cidade em geral na luta por justiça. O reconhecimento, no caso de Santa Maria, se deu muito a partir de engajamentos políticos partem de um sentimento de apego ao lugar, a cidade, o que revela a ampliação de experiências particulares do ponto de vista do que as pessoas têm em comum, criando um sentimento comum e compartilhado, o que é essencial para ascender a um nível de forte publicidade, pois recorre-se à emoção como parte central do processo de definição de um assunto a ser inserido numa agenda pública, sendo a emoção um recurso para poder dar palavra e voz à percepção de injustiça. A emoção dá forma à reivindicação, ela coloca em forma o indizível. Assim,

não somente a emoção permite atribuir palavras à vivência das injustiças que marcam diversas situações da vida cotidiana, bem como ela permite, em um processo de ampliação discursiva e emocional, fundamentar a continuidade de um [eu] para um [nós]. Ela não apenas indica a vulnerabilidade do sujeito político, bem como permite a passagem de um sofrimento individual para a formação de um coletivo político (FREIRE, 2011, p. 194).

Monalisa Siqueira e Ceres Victora (2017) escrevem sobre as dimensões emocionais e corporais envolvidas nas manifestações públicas realizadas por familiares e amigos de vítimas da Kiss como dor, sofrimento e os desdobramentos pessoais e coletivos que geram, entendendo a “dor” e o “sofrimento” como experiências sociais corporificadas e significadas nos contextos em que se fazem presentes. O andamento dos processos judiciais e a participação de manifestações públicas agravaram, de certo modo, o sofrimento dos sujeitos envolvidos, por causa das relações com as instituições e os desdobramentos jurídicos que o caso foi tomando. Inclusive, as decisões judiciais foram relatadas pelos pais como os principais motivos para reavivar a dor da perda e o sentimento de injustiça.

Mas, os familiares e os amigos das vítimas, através da corporificação do discurso formulado no espaço público, enfatizam o sentimento de “indignação” sobreposto à “dor” do luto. As autoras, retomam então Rezende e Coelho (2010) para pensar a “capacidade micropolítica das emoções”, ou seja, “ao seu potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 15). Pois ao mesmo tempo que mobilizam a dor da perda, as emoções atuam na produção de novos sentidos e relações, conectando as dimensões pessoais, sociais e políticas do acontecimento em manifestações com grande impacto na mídia e nas pessoas em geral. No geral as reportagens abordavam as manifestações visando representar tanto a

exposição coletiva da dor, como também uma homenagem aos 242 jovens. Torna-se visível o encontro entre as dimensões social e individual, pública e privada na presença corporificada das emoções – sofrimento, dor, raiva, indignação, entre outros.

2.2 “Santa Maria nunca mais será a mesma”

“Santa Maria nunca mais será a mesma”. A frase provavelmente repetida, em algum momento, por todas as pessoas que vivenciaram todo o acontecimento traumático e o pós-tragédia, rapidamente passou a compor o discurso popular, mas ao longo do tempo, foi sendo revisada no tocante a forma como era significada. Em pesquisa realizada com 600 pessoas em julho de 2013¹³, portanto, seis meses após a tragédia, 22 delas acreditavam que a cidade mudou para melhor, referindo-se a união e ao fortalecimento das relações, em decorrência da tragédia, 270 disseram que a cidade mudou para pior e 288 (48%), que a cidade não mudou. Em contrapartida, quando perguntados se a vida em Santa Maria voltou ao normal, a grande maioria da população referiu que ainda não (75,5%). Além disso, havia um sentimento de impunidade junto à população e mais da metade dos entrevistados (61,9%) discorda da afirmação de que todos os responsáveis estão respondendo a processos na Justiça. Também discordavam de que seria feita justiça e que os culpados serão condenados (57,5%). O sentimento era de que a cidade ainda vivia um clima de luto.

A seguir, propõe-se uma reflexão sobre o luto coletivo e como ele se relaciona com a experiência e o sentimento de pertença da comunidade ou grupo direta ou indiretamente afetado.

A mídia jornalística, a partir de determinados enquadramentos possibilitou, junto às associações coletivas, vias de expressão do luto e de mobilização no caso da Kiss, dando espaço e voz a várias formas da manifestação do luto. Nesses casos, a forma como as notícias representavam a tragédia e os enlutados, tiveram papel importante no processo de elaboração

¹³ Pesquisa realizada no período de 20 a 22 de julho de 2013, seis meses após o incêndio. O universo é a população residente no município de Santa Maria, com uma amostra de 600 entrevistas. Foram realizadas entrevistas pessoais com utilização de questionário elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Foram realizadas por uma equipe de entrevistadores contratados pelo Instituto METHODUS, devidamente treinados para este tipo de abordagem. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/07/575-dos-moradores-de-santa-maria-duvidam-de-justica-no-caso-kiss.html>> Acesso em: 09/11/19

do luto da cidade, pois a mídia se propõe pensar e explorar as formas como os seres humanos colocam-se diante da morte, os sentidos que estão imbricados e que tipo de significação produzem. Assim, interessa retomar a forma ativa das mídias na construção da realidade percebida pelos sujeitos sobre a tragédia, os familiares, os enlutados, a experiência e as dores da perda, como fonte desses discursos que também servem de instrumento para a mobilização por justiça (OLIVEIRA-CRUZ, 2018). Assim, as representações de sofrimento veiculadas pela mídia afetam a ética e a política porque elaboram e consolidam concepções de senso comum sobre a própria realidade percebida.

Deve-se destacar que o uso do discurso da tragicidade é um meio de abordar a tragédia quando se necessita de redes de afetos e de sentimentos dos sujeitos (ORELLANA e GUIMARÃES, 2014), pois essas redes têm como consequência a pluralização e a multiplicação das grandes emoções compartilhadas. Dessa forma, deixa-se de pensar no indivíduo que chora e sofre para se pensar em termos de pessoas afetivamente sensíveis. Essa nebulosa afetiva se constitui a partir dos afetos e sentimentos, possibilitando o surgimento de situações de solidarismos, e no caso de Santa Maria, uma comunidade afetiva surge da integração do sentimento de pertencimento experimentado coletivamente, como um resultado de sucessivas relações de sentimentos indefinidos que se depositam na experiência social do evento trágico. Quando aborda o evento trágico, a narrativa jornalística serve para criar o cimento social, a base na qual as atividades de expressão humana vão se apoiar (ORELLANA e GUIMARÃES, 2014).

2.2.1 “Morri em Santa Maria hoje. Quem não morreu?”¹⁴

Para compreender as questões propostas nesse trabalho, faz-se necessário também uma reflexão sobre o modo como a morte é encarada no ocidente, e em seguida as questões de luto no público e no privado, considerando o caráter coletivo do luto em Santa Maria após a “tragédia da boate Kiss”. O caso da boate Kiss foi responsável por extrapolar qualquer sentido de previsibilidade, pela maneira abrupta a morte irrompeu o cotidiano da cidade de Santa Maria. Considera-se que as formas como enfrentamos a morte e lidamos com a perda é fruto de uma relação social e histórica, e por isso a relação entre os seres humanos e a morte

¹⁴Fragmento do poema do escritor gaúcho Fabrício Carpinejar. Texto na íntegra disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/01/fabricio-carpinejar-a-maior-tragedia-de-nossas-vidas-4024497.html>> Acesso em 03/07/2019.

apresenta inúmeras alterações culturais que variam de acordo com os grupos, períodos históricos, construções simbólicas e religiosas. Quando precisamos refletir sobre como construímos a noção da morte e do luto em nossa cotidianidade, percebemos que a finitude humana recai sobre nossa própria construção social e a consciência da transitoriedade da vida leva o sujeito a entender seus limites e sua existência.

A morte como fato inexorável, sobre o qual não se tem controle, recai sobre a fragilidade humana. Diante disso, a saída encontrada pela sociedade contemporânea – que pode adiar, suavizar, mas não contestar a morte – é exorcizá-la do cotidiano como se ela não existisse. Desta maneira a morte tornou-se indizível e o escamoteamento de sua presença numa esfera reflexiva na sociedade contribui para uma problemática social, as manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem, o luto é solitário e envergonhado (OLIVEIRA-CRUZ, 2018, p. 367).

A morte, quando se trata de uma experiência coletiva é também sentida individualmente, pois evoca a consciência das limitações humanas e ainda a dor pela partida do próximo. O impacto sofrido pelos indivíduos e pela comunidade atingida gera intensas respostas emocionais, gerando mobilização de esforços para lidar com o evento. As redes de mobilização constituem uma prática sociopolítica que compartilha a indignação e a luta, tornando as emoções parte desses movimento acionando a dor, o sofrimento, a indignação e demais sentimentos e emoções para falar de uma coletividade. Nos próprios depoimentos nas mídias, usam-se casos em que indivíduos, ao falarem de sua indignação e da dor pessoal, também falam em nome de um coletivo, constituindo-se um tipo de narrativa que publicamente aciona o sofrimento como forma de denúncia, ou seja, o discurso comunica a dimensão coletiva das experiências emocionais do grupo (MAIA, 2017).

Conforme Gabriela Maia (2017) a noção de vítima auxilia na compreensão da relação entre os sentimentos de dor e indignação e a expressão pública de sua vivência, porque tem a força de aproximar pessoas diferentes que se identificam emocionalmente com o que é falado, construindo um sentimento de coletividade. Para Cynthia Sarti, “a noção de vítima configura, assim, uma maneira de dar inteligibilidade ao sofrimento de segmentos sociais específicos, conferindo legitimidade moral à suas reivindicações” (SARTI, 2011, p. 54), tornando a categoria de vítima é um mediador simbólico entre a experiência subjetiva e a generalização social, que é feita através da convocação de uma comunidade emocional e não por meio da invocação de princípios de direitos violentados. Nesse contexto, o discurso emocional é político e não privado (MAIA, 2017).

Questionamo-nos então: se o luto tende a ser encarado em nossa sociedade como algo individualizado, como ele mobilizou multidões? Conforme já mencionado, na sociedade ocidental contemporânea, lidamos com a morte e o luto de forma a isolá-los, no entanto, as mortes da boate Kiss produzem sentimentos diferentes daqueles sentidos em perdas individuais devido ao grande número de vítimas e a forma trágica e violenta das mortes. Uma tragédia por si só, é um grande evento que surge como uma erupção no cotidiano que aciona uma rede de sentidos (AMARAL, 2011, p. 66). Além disso, é um evento singular que extrapola as condições normais de compreensão do real, superando a própria lógica racional. Produz uma situação na qual certos valores, ideias e sentimentos são compartilhados por um grupo social e produzem coesão social, estimulando ação e discursos direcionados aos sujeitos (ORELLANA e GUIMARÃES, 2014).

Nesse sentido, pode-se pensar sobre como a “tragédia da boate Kiss” se torna algo capaz de coesão social. “A coesão da população santa-mariense em torno da tragédia se revela pelo compartilhamento e expressão dos sentimentos em torno do luto. A exposição da tristeza e da dor nesse caso é inicialmente individual mas alcança significação coletiva” (OLIVEIRA-CRUZ, 2018, p. 370). Os acontecimentos em Santa Maria foram assumidos como públicos, como uma dor que é pública, pois o acontecimento afetou fronteiras e se sobrepôs ao local, porque a proximidade não era só geográfica, era emocional. Desde cedo, as manifestações de luto foram organizadas coletivamente e se mantiveram a partir da institucionalização de grupos e associações.

Foi possível perceber que houve grande adesão dos santa-marienses e das cidades na região central do Rio Grande do Sul nas manifestações de homenagem aos 242 jovens, nos pedidos por justiça, condolências, voluntariado, promovendo ações de solidariedade, o sentimento de pertença à cidade. De modo que as manifestações de indignação e solidariedade desencadearam as ações mobilizadoras, muito em função dos próprios meios de comunicação regionais e mídias digitais que contribuíram para o compartilhamento de discursos e informações fundamentais para a construção dos objetivos em comum convocando os sujeitos. Assim, a própria adesão à causa se expressou por adesão às emoções compartilhadas. Expressões orais de sentimentos e emoções não são apenas emoções individuais espontâneas, mas põem em ação sentimentos e ideias coletivas.

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos de indivíduo e do grupo são mais que meras manifestações, são

sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo grupo entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (MAUSS, 1979, p. 153).

A expressão da dor é uma ação simbólica que significa o compartilhamento dos sentimentos e o fortalecimento dos vínculos nos processos de elaboração do luto. Assim, a própria emoção se constrói a partir da intersubjetividade, da teia de relações sociais e culturais, ou seja, as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos, a cultura e a sociedade. O compartilhamento da experiência e da dor proporcionam o sentimento de identificação e pertença entre os enlutados, especialmente familiares e amigos, sendo a formação dos grupos um fato importante para a elaboração do luto para estas pessoas. Os vínculos são uma forma de reintegração do indivíduo pelo compartilhamento da dor, parecem funcionar como um anteparo ao sofrimento, pela experiência mais ou menos comum de partilha, de interação, onde os laços afetivos são renovados, e mesmo fortalecidos pela busca por justiça e a união proporcionada pelo compartilhamento da perda (OLIVEIRA-CRUZ, 2018).

Edemir Filho (2012) propõe uma comparação entre Durkheim e Mauss na relação entre emoções e os âmbitos coletivo e individual. De acordo com o autor, Mauss, ao trabalhar com a noção de indivíduo, apresenta um caminho diferente para pensar a emoção partilhada pelos membros de uma coletividade.

Diferentemente da abordagem de Durkheim, que supervaloriza o coletivo em detrimento do individual, Mauss traz uma importante contribuição ao conjecturar que, mesmo recebendo grande influência da sociedade, o indivíduo possui certa autonomia. Desta forma, a emoção construída, experimentada e partilhada passa necessariamente pelo indivíduo. Não obstante esta sugestão, o eu individual sempre contribuiu, em algum grau, para o eu coletivo. Com estas considerações, pode-se suspeitar que as emoções são assimiladas por um indivíduo antes mesmo de ele tomar consciência delas pelo conhecimento empírico. Tal apreensão dá-se via sociedade na qual está situada a pessoa. Por outro lado, cada indivíduo social as expressa e experimenta de maneira variável (FILHO, 2012, p. 147).

A demonstração de tais emoções coletivas, as diversas manifestações e expressões emocionais são destacadas como fenômenos sociais, não como psicológicos ou fisiológicos em indivíduos. Os sentimentos e ideias partilhados são de cunho coletivo e sinalizam um sentimento de identidade e pertença a um grupo, como uma expressão emocional identitária e também como um critério de seleção que garante a empatia comunitária. Desse modo, a

emoção como meio de extravasar é um elemento que causa coesão e unidade em um dado grupo e cada vez que o indivíduo entra em contato com estas emoções, elas são ressignificadas, adquirindo marcas individuais que se somam às coletivas. Cada membro é tomado por ideias e sentimentos coletivos que afloram, ou seja, embora as manifestações tenham caráter coletivo, cada indivíduo tem a possibilidade de experimentar e expressar seus sentimentos da maneira como julga mais adequada, sendo as práticas grupais, a somatória das ações individuais, “todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas” (MAUSS, 1979, p. 153).

Considera-se que, a partir de um evento trágico, há uma série de símbolos, formações imaginárias e estratégias discursivas que são ativadas para a produção de ações e discursos. Isso produz uma solidariedade direcionada que é a resposta aos sentimentos e às imagens simbólicas despertadas a partir da ideia de morte, desespero e anulação da força humana frente ao irracional (ORELLANA e GUIMARÃES, 2014). Conforme Das (2007), os indivíduos elaboram novas formas de subjetividades quando submetidos às perturbações e traumas de “evento crítico”, que não apenas afetam a vida daqueles que sofreram diretamente o evento, mas transformações nos demais indivíduos atingidos por suas contingências e desdobramentos. Um evento crítico desestabiliza as referências cotidianas pelas quais os sujeitos orientam suas práticas de vida e suas formas de expressões, produzindo efeitos sociais tanto em seus corpos quanto no discurso daqueles que sofrem a fratura social. A narração se inscreve como uma importante forma de compreender e habitar o mundo após o evento crítico (DAS, 2007). O sofrimento vai sendo ressignificado, trabalhado e sofre a ação do tempo, no sentido de tornar o mundo vivível mesmo com as marcas da dor. É uma experiência que se dá individual e, ao mesmo tempo, coletivamente.

3. ONDE ESCONDE A DOR QUE NÃO PODE SER FALADA NEM OUVIDA?

A seguir propõe-se uma reflexão sobre a relação do sentimento de luto com o de injustiça. Veremos a seguir que os sentimentos experimentados coletivamente apresentam tensões em relação às experiências de luto isoladas que observamos no cotidiano, principalmente no que tange a expectativas de elaboração da perda constituídas socialmente e o modo como os familiares e enlutados mais próximos às vítimas vivenciam a dor na esfera privada (OLIVEIRA-CRUZ, 2018). Após os primeiros meses da tragédia, houve em Santa Maria, uma espécie de oscilação entre a solidariedade no primeiro momento e a discordância com a permanência no luto, já que a cidade se envolveu em um discurso que prezava pela superação dos pais enlutados, como uma forma de receio de trazer para si mesmo e para a sua rotina os sentimentos e reflexões decorrentes do enfrentamento da perda e da consciência da própria finitude. Fala-se que “a cidade estava sendo prejudicada pelo constante reviver do acontecimento. [...] reclamavam que “a cidade está morta”, “é preciso reavivar a cidade”” (SIQUEIRA e VICTORA, 2017, p. 178). Além disso a perda e o estado de luto fazem pensar nossos vínculos, projeções e motivações perante a vida e as formas como nos reconhecemos enquanto sujeitos (OLIVEIRA-CRUZ, 2018), algo fundamentalmente evitado em sociedades ocidentais.

De acordo com Milena Oliveira-Cruz (2018), o próprio processo de elaboração do luto gerou tensão entre os pais e os demais moradores da cidade, que previam que os pais enlutados mais próximos da “tragédia da boate Kiss”, recorressem ao isolamento sofrido pelos enlutados de modo geral, na atualidade, fundados na impossibilidade de exposição da dor. Os desdobramentos são sentimentos como tristeza, mágoa e inquietação, fruto da inadequação do luto consequência da relação necessidade de expor os sentimentos vs. ausência de solidariedade social no compartilhamento da dor causada pela perda. Assim, diante das diferentes formas de expressão da dor, há conflitos entre a necessidade de compartilhar e a exigência social do silenciamento progressivo do luto. “Em contraponto às exigências sociais de “retomada da vida”, de “parar de falar” que demonstram sentir, é difícil para eles silenciar diante da perda, pois ainda falta uma etapa importante para a elaboração desse luto: a noção de justiça a partir da responsabilização dos culpados”

(OLIVEIRA-CRUZ, 2018, p. 379-180). Fora do contexto que envolve uma sociabilidade em torno do luto (como nos grupos e associações formadas pelos próprios enlutados), os pais de vítimas do incêndio da boate Kiss revelam uma dificuldade de falar da sua dor nos grupos cotidianos, tal como ocorre com os sujeitos em estado de luto de um modo geral, em situações privadas. O processo de interação oriundo dos grupos e associações, corresponde à possibilidade de reconhecimento de um “semelhante” a partir do luto, tornam-se próximos pela condição emocional a que estão submetidos. O compartilhamento da dor e a união de forças para mobilizações tornam a experiência de luto destes sujeitos particular.

Siqueira e Victora (2017) enfatizam as organizações e as associações, assim como as manifestações públicas como fundamentais para que muitas pessoas encontrassem formas de lidar com o sofrimento, tornando-se cada vez mais espaços de encontro de familiares, amigos e sobreviventes onde sentiam-se à vontade para compartilhar impressões e emoções. Assim, as vítimas e/ou seus familiares constroem narrativas sobre esses eventos traumáticos, compartilham suas experiências, organizam-se em associações e movimentos de luta por “justiça” e responsabilização dos culpados e reivindicam o direito à memória e às políticas públicas de saúde e segurança, por exemplo¹⁵.

3.1 “Os corpos reunidos “dizem”, mesmo quando permanecem em silêncio”¹⁶

O sentimento de luto está diretamente relacionado com o de injustiça, e por isso, cabe uma discussão mais atenta às reivindicações públicas e os significados transmitidos por corpos que se reúnem em manifestações, sendo estas silenciosas ou não. Muitas das manifestações dos pais das vítimas da “tragédia da boate Kiss”, sobretudo nos primeiros meses após a tragédia, eram reuniões silenciosas e vigílias, mas que pela performatividade corporificada e plural, significam mais do que qualquer relato, escrito ou vocalizado, sobre aquilo de que elas reivindicam, pois a própria reunião de corpos significa para além do que é dito, justamente por sua forma plural de atuação e práticas sociais de resistência (SIQUEIRA e VICTORA, 2017). Nessa perspectiva, Butler (2018), enfatizando o caráter coletivo de manifestações como contestações, vigílias e ocupação de espaços públicos, afirma que “esse

¹⁵ Ver em: PEIXOTO, P.S. 2014. “Acorda Santa Maria”: estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

¹⁶ (Butler, 2018, p. 24).

movimento ou inércia, esse estacionamento do meu corpo no meio da ação do outro, não é um ato meu ou de outros, mas alguma coisa que acontece em virtude da relação entre nós, surgindo dessa relação, usando frases equívocas entre o eu e o nós” (BUTLER, 2018, p. 15).

Indo além, ressalta-se que a união de vários corpos em prol de alguma reivindicação cria uma “zona visível para a cobertura da mídia”, pois incorpora a percepção de que essa é uma condição social compartilhada e injusta. O apelo por justiça pode ser articulado por um posicionamento silenciosos e coletivo, pois entende-se que as palavras por mais importantes que sejam, não substituem ou superam a importância política da ação plural e corpórea. Entretanto, o efeito significativo, legitimador, pode ser dado a partir das representações e de uma cobertura de mídia, que dará determinado enquadramento a circulação popular do evento, de modo que a luta pela legitimação acontece no jogo entre as representações públicas e as imagens e enquadramentos da mídia (BUTLER, 2018, p. 25).

Contudo, deve-se considerar que a cobertura de um evento e seus significados, representações, imagens e enquadramentos surgem da competição entre o conteúdo produzido pela mídia organizada e o conteúdo de telefones celulares e redes sociais. No fim, “é tudo um jogo de imagens” (BUTLER, 2018, p. 25). Em síntese, o que Butler quer trazer com a discussão sobre a performatividade da união de corpos em reuniões públicas em prol de reivindicações é que “quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político (BUTLER, 2018 p. 17).

Outro ponto válido de reflexão é como as representações plurais que mostram o quanto uma situação é compartilhada, é capaz de contestar a moralidade individualizante. O que se quer refletir é sobre a existência de uma moralidade política que exige a responsabilidade individual, que opera muito em um modelo de privatização do cuidado, como se houvesse uma ética da responsabilização. Para pensar a reação da cidade de Santa Maria às manifestações por justiça dos familiares das vítimas do incêndio da boate Kiss após a tragédia, convém entender que os sentimentos e emoções são pensados contemporaneamente através de concepções culturais que as entendem como capazes de serem geridas e aprendidas. Esses novos modelos de afetividade formulados por psicólogos, consultores de administração e relações humanas, alteraram as formas de sociabilidade e redefiniram as fronteiras cognitivas e afetivas práticas (ILLOUZ, 2011). Assim, emoções e

sentimentos são encarados como administráveis, treináveis, superáveis, necessitando de gerenciamento constante, sendo o sujeito pensado “como um capital, de modo que, para desenvolver rendimentos cada vez mais satisfatórios, necessita de constantes investimentos” (MENDES e OLIVEIRA, 2013, p. 164). Nikolas Rose (2001) afirma que os seres humanos são representados como dotados de uma subjetividade individualizada, motivados por sua autorrealização e aspirantes ao encontro de suas verdadeiras identidades e autênticos estilos de vida. No entanto, a dor e o sofrimento não devem fazer parte dessa lógica de pensamento, e a felicidade deve ser buscada como um sentido para a vida, e isso inclui, inclusive a conservação da saúde.

Assim, o conceito de “capital humano” ajuda a refletir sobre tais concepções. De acordo com Feher (2007) o “capital humano” consiste em um conjunto de competências que um indivíduo é capaz de adquirir e desenvolver por meio de investimentos em determinadas esferas da vida, englobando outros fatores como o meio social e cultural, expectativas de terceiros, elementos adquiridos como educação, formação, experiência, e modos de preservação do capital físico e psíquico. Muito em função do conhecimento dos fatores de risco associados a certos hábitos, surgem práticas e modos de viver, que incitam os indivíduos a abandonarem os mesmos e assumirem a responsabilidade pela preservação ou depreciação de seus capitais humanos. Concebe-se que tal escolha, de cuidar ou não de si, depende do quanto o sujeito investe em si mesmo. Trata-se de um estoque de competências, afetivas, psíquicas e físicas, que visam sempre a valorização de si, concebida como capital, que define o indivíduo como um conjunto heterogêneo de competências (FEHER, 2007). Isso significa que, para tais concepções de bem viver, insistir na dor do luto e no sofrimento não é visto como algo digno socialmente e por isso deixa de ser visto como aceitável com o passar do tempo¹⁷.

¹⁷ Ver SIQUEIRA, M.; VICTORA, C. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “tragédia de Santa Maria”. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 25, abril/2017.

3.2 A relação entre os profissionais de saúde e a mídia na cobertura do incêndio da boate Kiss

Como mencionado anteriormente, uma parte do corpus da pesquisa trata do livro *A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss: testemunhos e reflexões*. O livro tem a preocupação de trazer os dois lados da relação, um tanto delicada, entre os profissionais de saúde e os profissionais de comunicação. De acordo com relatos dos profissionais de saúde presentes na obra, durante todas as etapas do trabalho pós-incêndio, havia centenas de profissionais da mídia - jornalistas, fotógrafos, repórteres, câmeras, iluminadores - representando distintos meios - televisão, rádio, jornal, mídias alternativas. A partir da observação da presença da mídia nesse contexto, os(as) autores(as) relatam exemplos de situações desagradáveis como: falsificação de identificação para um furo de reportagem, sensação de invasão por aqueles que buscavam um melhor ângulo ou capturar a melhor imagem da dor do outro, apontando câmeras nos rostos de familiares e amigos, constrangendo-os, bem como a reprodução constante das mesmas cenas e imagens de espetacularização da dor, do sofrimento (GONÇALVES e ROSO, 2016). Assim, enfatizou-se o desconforto dos profissionais de saúde frente ao abandono da forma ética com a vida das pessoas afetadas percebida em certas práticas jornalísticas.

Por outro lado, os profissionais de saúde foram orientados sobre a importância dos veículos de comunicação para transmitir informações relevantes à população como materiais necessários para doações e os serviços disponibilizados, sendo uma importante ação que também refletia uma forma de cuidado, pois poderia gerar um efeito tranquilizador e de que algo estava sendo feito (GONÇALVES e ROSO, 2016). Da mesma forma, a internet foi um instrumento poderoso de articulação e mobilização. Assim, não se tratava de questionar o papel que a mídia tem de garantir, com liberdade, a circulação da informação, mas sim de recuperar o lugar da produção da informação na perspectiva de gerar solidariedade e não de utilizar o registro do sofrimento alheio para promover “sociedade do espetáculo”. Desse modo, a gestão de organização, com a intenção de minimizar o efeito nocivo da mídia sensacionalista, convocou-se uma reunião com profissionais de veículos importantes de comunicação do estado e com a presença da universidade. No primeiro Boletim feito para informações das ações da Atenção Psicossocial, foi escrito o seguinte: “Conseguimos reverter

a pauta da mídia, vinculando mensagens mais positivas, de projetos de vida, utilizando preferencialmente as redes sociais, comunidades vizinhas e vínculos com o próprio território” (SMS/SM, 2013). (CABRAL *et alia*, 2016, p.102)

A abordagem teórica que o livro analisado - sobretudo no capítulo “Discursos jornalísticos e a fabricação do acontecimento da Kiss” de Camila Gonçalves e Adriane Roso (2016) - utilizou para pensar a atuação midiática, ressalta que os acontecimentos são construídos, fabricados pelo social, permeados com/pelo afeto. O que a mídia tenta fazer, ainda que por meio de um fluxo intenso e acelerado de informações, é fornecer representações que penetram na trama das experiências objetivas e condicionam os comportamentos e as relações, a tal ponto que possibilitam dar sentido àquilo que ainda não tem sentido - o próprio acontecimento - através da interpretação dos significados. Assim, a comunicação constrói a realidade, alguns fatos existem ou deixam de existir se são ou não veiculados na mídia; a mídia atribui uma conotação valorativa ao que expõe, isto é, o que aparece na mídia ganha um status, uma relevância a ser considerada como verdadeiro; a mídia decide os temas que serão abordados, logo também pode decidir os temas que não serão debatidos - colocando-os em risco até mesmo de sua existência; e por fim, a mídia contribui para a construção de nossa subjetividade, visto que ela é resultado das relações que estabelecemos, mesmo que seja uma forma de comunicação verticalizada, que veicula muitas respostas e sentidos, mas pouco se preocupa em possibilitar perguntas.

Nesse sentido, a notícia, nada mais é que uma estratégia de construção e comunicação do acontecimento, ou seja, a notícia não apenas representa ou transmite aspectos da realidade, ela é também capaz de constituir uma realidade própria. Por exemplo, o livro destaca que o termo “tragédia, foi a palavra mais utilizada pela mídia para se referir ao incêndio, este termo é interpretado como uma tentativa de dar um sentido que carregasse o aspecto dramático das perdas, além de uma fixação de uma memória social, já que alertam para a noção de inesquecível. Nesse sentido, argumenta-se que os meios de comunicação criaram uma 'historicidade mediada', que influenciam como o passado é recapitulado e as formas como se é afetados por ele, ou seja, o processo de recordar é marcado por influências sociais, já que a lembrança é sempre moldada pela perspectiva cultural e ideológica que o indivíduo tem no presente. Por isso reconhece-se o potencial poder de fabricação de um acontecimento pela mídia escrita, seja dramatizando ou enfatizando determinados aspectos de um acontecimento (GONÇALVES e ROSO, 2016). A interpretação abordada pelo capítulo, sugere que a

afetividade que faz a "cola" entre os humanos, por isso a mídia se utiliza do recurso do termo trágico e a ancoragem emocional para se reportar ao incêndio (GONÇALVES e ROSO, 2016). Sobre a ancoragem emocional:

Além da palavra tristeza, outras compuseram o discurso midiático do Diário Santa Maria, com uma conotação mais forte: infelicidade, sofrimento, assombro, angústia, desespero, pânico. Entretanto, esse conjunto de sentimentos, emoções parecem não dar conta de fazer sentido ao acontecimento, mas podem produzir um sentimento de pertença, de coletivo, de que estão todos "no mesmo barco", ainda que este não tenha uma âncora para compartilharmos (GONÇALVES E ROSO, 2016, p. 124).

Com o impulso midiático, percebeu-se a comoção despertada na população, não só na cidade de Santa Maria, como também na região, no país e até mesmo internacionalmente, atraindo centenas de voluntários. Por causa dos meios de comunicação, principalmente das redes sociais, a notícia da "tragédia" se espalhou rapidamente e, com ela, veio o envolvimento das pessoas. A ancoragem emocional gera identificação imediata e denuncia a vulnerabilidade inerente à condição humana, cria um mecanismo psicológico que permite projetar a ameaça e a agressividade. Assistir inúmeras vezes a uma imagem catastrófica pode ser a tentativa de elaborar esse conteúdo denso.

3.3 Os profissionais psi no jornal Diário de Santa Maria

A partir da leitura e análise das matérias é possível perceber que o jornalismo contribuiu, além do acesso à informação, na conscientização sobre empatia e respeito a dor do outro, contribuindo para a formação de um elo entre a sociedade, para melhorar as relações sociais de um modo geral, principalmente na cidade de Santa Maria. A própria promoção de informações de que a sociedade precisa ter conhecimento assegura o bem comum, ajudando no processo que implica reestabelecer uma certa ordem na vida e dar segurança, já que eventos como tal são estressores e potencialmente traumáticos, causadores de insegurança, dor e tristeza coletiva. De modo que os relatos e ideias expressas pelo jornal foram importantes propulsores de ações individuais e coletivas, sobretudo nos primeiros dias após a tragédia, como a presença de inúmeros profissionais de diferentes áreas que se dispuseram a atender voluntariamente.

A massiva mobilização social pode, inclusive, ser pensada como um reflexo da atuação do jornalismo, pois "o texto jornalístico desperta no leitor diversos significados e faz

com que ele atribua sentido ao acontecimento, por meio daquilo que foi escrito pelo jornalista. Ele se apresenta como um profissional influente na consciência crítica e social” (OLIVEIRA, 2013, p. 27). Ainda, é importante ressaltar o caráter de constructo social que as notícias têm, transforma-se o acontecimento em notícia, e portanto esta se torna o resultado de um processo de percepção, seleção e transformação do fato em si em discurso, que passa a ser um acontecimento com existência pública de notícia.

Em tempo, pode-se pensar que a composição de uma notícia recorre a fontes que fornecem informações sobre os fatos, seja por presenciarem algo ou por deter determinados dados. Assim, as informações jornalísticas advêm de diversos tipos de fontes que são utilizadas no intuito de reforçar ou confirmar os fatos. As fontes podem ser, inclusive, produtoras de notícia quando tem condições de contextualizar a interpretar os fatos ocorridos. Indo além, parte da credibilidade do trabalho jornalístico tem relação direta na forma como utiliza-se das fontes, sendo que elas “e jornalistas são dependentes no processo de construção da notícia. De um lado, o profissional se vale do conhecimento da fonte para produzir o material noticioso, de outro, elas induzem o que será informado aos leitores” (OLIVEIRA, 2013, p. 35).

Assim, é importante destacar o papel e os depoimentos dos profissionais psi no jornal Diário de Santa Maria. A presente pesquisa aborda os três primeiros anos após a tragédia para análise, por isso, cabe uma breve retomada dos principais fatos que ocorreram durante esse período. Sobretudo os primeiros seis meses foram mais intensos em termos de manifestações de familiares e cobertura jornalística e desdobramentos que contribuíram para que o contexto se alterasse de forma significativa.

Alguns aspectos sobre o que ocorreu na cidade após o incêndio merecem atenção, entre eles o trabalho voluntário e as manifestações. Em relação às manifestações, uma multidão superior a 35 mil pessoas, vestindo branco e segurando balões e cartazes ganhou as ruas na noite de segunda-feira, dia 28 de janeiro de 2013, em protesto e em homenagem às vítimas.¹⁸ Já na primeira manhã após o incêndio, Santa Maria contava com muitos voluntários que chegariam a centenas até o final da primeira semana. Os voluntários tentavam ajudar de todas as formas levando um pouco de solidariedade a quem sofria, servindo água, dando

¹⁸ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4026211.Caminhada-em-homenagem-asvitas-de-incendio-reune-mais-de-35-mil-pessoas.html>> Acesso em 04/09/2013.

assistência psicológica e até terminando a limpeza dos cemitérios. Ainda, cabe ressaltar que foi montado uma equipe de Apoio Psicossocial para ritos de despedida (velórios, sepultamentos, missas de 7º dia e outros) responsável por prestar suporte emocional aos enlutados durante esses momentos.

Após o dia 27 de janeiro, considerado os primeiros meses como o período mais crítico de “crise”, o jornal fazia reportagens quase que diárias informando sobre a situação das vítimas hospitalizadas, dos sobreviventes, das investigações policiais e algumas delas a respeito dos serviços de atendimento psicológico. Uma delas traz o depoimento da psicóloga Karol Cabral sobre a importância do período de luto, alertando para sinais e sintomas como isolamento, perda de fome e insônia que podem intensificar-se, além dos sentimentos que fazem parte do processo de luto:

A duração do luto dependerá de pessoas para pessoa. Mas todos temos de fazer o luto. É necessário que se tenha este processo para superar o ocorrido. Agora, é importante ficar atento a pessoas que demoram para superar isso. Se houver indícios que esta pessoas em questão estão tendo dificuldades em se recuperar, é aconselhável procurar ajuda especializada. (Jornal DSM, 1 fevereiro de 2013)¹⁹.

Nesse período inicial, a comunicabilidade do jornal tende mais a uma aproximação com o leitor, mostrando empatia para com o sofrimento alheio e incentivando a procura de ajuda.

Sabe quando a dor é tão grande que parece que a gente não vai conseguir suportá-la sozinho? Em situações de catástrofes como a que matou 236 jovens na Boate Kiss, em Santa Maria, este sentimento é comum a muita gente. Por causa disso, diversas frentes de atendimento foram criadas na cidade. Cerca de 200 psicólogos e terapeutas estão divididos em equipes que estão à disposição da comunidade no plantão 24 horas montado no Centro de Atendimento Psicossocial (Caps), nos funerais, missas de sétimo dia e que, se necessário, vão até na casa de pacientes em potencial (Jornal DSM, 2 de fevereiro de 2013).

Outro ponto é a argumentação com estimativas, dados estatísticos numa tentativa de normalizar esse momento de “crise” como, por exemplo, os sintomas do luto que as pessoas podem estar sentindo.

Problema pode atingir até 25% da população. A estimativa da Ong Médicos Sem Fronteiras é de que 25% da população da cidade, ou 65 mil habitantes, precise de ajuda de profissionais da área para superar o trauma decorrente do acontecimento [...] cerca de 65% da população supera este tipo de trauma sozinho ou com a ajuda de amigos e familiares. [...] Precisamos dar suporte, então, ao restante, que vai precisar

¹⁹ Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4.38.4032093.21315>> Acesso em: 05.09.2013. A título de informação, as datas de acesso das reportagens são as mesmas que elas foram salvas no formato PDF durante a construção do banco de dados. Assim, todo o acervo de reportagem é composto por cópias das reportagens no formato PDF contendo textos e imagens das reportagens.

dessa força. Todos serão acolhidos – afirma a coordenadora do plano emergencial de atenção psicossocial (Jornal DSM, 02 de fevereiro de 2013)²⁰

Considera-se assim que, mais do que informar, as notícias produzem sentidos e são um dos eixos que norteiam os parâmetros da sociedade que dizem o que é normal ou anormal. É fundamental explicar que o serviço de saúde que atendeu familiares e demais envolvidos na “tragédia” passou por mudanças ao longo dos primeiros meses. Provavelmente a principal foi a transição do intenso trabalho de voluntários (profissionais autônomos, Cruz Vermelha, Médicos Sem Fronteiras) para a institucionalização ocorrida a partir de março de 2013 (Acolhe Saúde). Nesse sentido, muitas abordagens e formas de lidar com o acontecimento e, conseqüentemente, com as pessoas afetadas foram desenvolvidas e, de algum modo, estão presente no discurso jornalístico.

Em consonância com os objetivos dos profissionais de saúde que prezam por uma intervenção primária que “consiste basicamente em fazer com que as pessoas afetadas se sintam seguras, conectadas aos outros, em situação de calma e com esperança, o que implica mobilizar a rede de apoio familiar e comunitária para oferecer apoio e suporte para superação da situação aguda de crise” (PACHECO, ZAPPE, SANTOS, 2016, p. 185), o depoimento de uma das psicólogas no jornal coloca o serviço à disposição, não somente aos pais e sobreviventes, mas qualquer pessoa próxima ou envolvida que perceba os sinais.

Estamos à disposição. O importante é que as pessoas se sintam acolhidas. Quem quiser, deve nos procurar – explica a psicóloga Melissa Couto, da Cruz Vermelha. [...] Isso vale para quem sobreviveu, para quem teve pessoas próximas envolvidas e até mesmo para quem apenas ouviu falar no assunto, mas se abateu profundamente (Jornal DSM, 2 de fevereiro de 2013).

O Serviço de Atenção Psicossocial – Acolhimento 24 horas²¹, segundo boletim divulgado, com dados organizados a partir de 31 de janeiro até o dia 30 de abril, foram realizados 2772 atendimentos, sendo 86% do público atendido são pais de vítimas ou familiares diretos (filhos, irmãos, primos, tios e avós) e demais pessoas que estão em sofrimento mental em decorrência do incêndio²².

²⁰ Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4.38.4032093.21315>> Acesso em: 05/09/2013.

²¹ Esse serviço recebeu o nome de Acolhimento 24 horas e, posteriormente, foi nomeado de Acolhe Saúde. A equipe de Acolhimento 24 horas: formada por médicos, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e outros profissionais da saúde, faz plantão disponível 24 horas.

²² Disponível em:

<<https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/6503-atencao-psicossocial-24-horas-contabiliza-2772-atendimentos-decorrentes-do-incendio-da-kiss>> Acesso em 28/07/2019.

Ao observar as matérias do jornal ao longo de 2013, é possível perceber que determinadas situações propiciaram a divulgação de informações sobre luto e o sofrimento de familiares. Uma das principais situações ocorreu no mês de maio, quando a 1ª Câmara Criminal determinou a soltura dos quatro réus envolvidos no incêndio, o que somou o sentimento de injustiça a todos os sintomas do luto que os pais ainda estavam vivendo. Os familiares das vítimas fizeram uma caminhada silenciosa pela cidade de Santa Maria como forma de protesto e repúdio à decisão, aproximadamente 300 pessoas percorreram as ruas em silêncio apenas portando cartazes com as fotos das 242 vítimas do incêndio e palavras de ordem. Muitos deles estão amordaçados, como forma de evidenciar o silêncio. Segundo o depoimento dos familiares ao jornal “O silêncio, além de simbolizar a dor dos familiares e sobreviventes, pretende desassociar a imagem das manifestações com qualquer ato de vandalismo ou baderna” e a intenção é buscar o apoio da comunidade para buscar justiça²³.

Outras reportagens detalham mais especificamente o sentimento de injustiça e como a soltura dos réus reavivaram a dor e fez com que os familiares vivessem um “segundo luto”. O presidente da Associação das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, Adherbal Ferreira, deu depoimento ao jornal: “Simplesmente fomos lá com cara de palhaços. Infelizmente, não há Justiça. Perdemos o primeiro round, a primeira batalha, mas não a luta. Hoje, vivemos nosso segundo luto. A sensação é de velório”²⁴. Uma das notícias recebeu o nome “As palavras machucam, diz presidente da Associação de Familiares das Vítimas”, nela, Adherbal Ferreira diz: “As pessoas não devem ofender a gente. Devem ficar quietas. As palavras machucam” e informou também que a associação não tem interesse em prejudicar a rotina da cidade nem o direito de ir e vir das pessoas²⁵.

Além disso, o jornal fez uma reportagem com o nome “Após a liberdade dos principais réus, familiares das vítimas do incêndio na boate Kiss enfrentam, novamente, a dor da perda” com falas de profissionais da saúde para, de alguma forma, explicar à população e pedir empatia e principalmente respeito à forma como os pais estavam reagindo a todo um

²³Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4157154,Familiares-de-vitimas-da-boateKiss-fazem-caminhada-silenciosa-em-protesto-pelas-ruas-de-Santa-Maria.html>> Acessado em 01/06/2013.

²⁴ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4154470,Apos-soltura-de-reus-do-incendiona-boate-Kiss-familiares-de-vitimas-e-defesas-tracam-novas-estrategias.html>> Acessado em 01/06/2013.

²⁵ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4155715,As-palavras-machucam-diz-presidente-da-Associacao-de-Familiares-das-Vitimas.html>> Acessado em 01/06/2013.

novo contexto e novo momento do luto. Segue trechos da reportagem assinada pelo jornalista Maurício Araújo²⁶:

A população em geral precisa respeitar a dor dessas famílias e entender que essa é a maneira que eles encontraram para se reconfortar e cobrar respostas [...] A liberdade dos quatro principais réus do caso da boate Kiss não apenas inconformou os familiares das vítimas, mas, garantem especialistas, desencadeou uma nova fase na vida destas pessoas. Gritos de justiça e choros desesperados puderam ser vistos nas manifestações ocorridas desde quarta-feira [...]. A dor de perder um filho se combinou ao sentimento de injustiça. Profissionais em Saúde Mental do município já estão mobilizados para atender essas pessoas e tratá-las conforme a nova realidade (Jornal DSM, 1 junho de 2013).

Na mesma reportagem, a enfermeira e coordenadora do plano emergencial de atenção psicossocial às vítimas da tragédia Adriana Castro Rodrigues Krum explica que

Isso mexeu no processo de reestruturação dos familiares. Estão muito abalados. [...] Com os nervos à flor da pele e revoltados com a decisão judicial, pais, mães, namorados, irmãos e amigos daqueles que se foram na madrugada de 27 de janeiro buscam expressar sua indignação por meio de manifestações (Jornal DSM, 1 de junho de 2013).

Outra enfermeira, co-gestora do Acolhimento 24 horas, Patrícia Bueno explica que apesar do apoio de parte da população aos protestos, há pessoas na cidade que não concordam com as manifestações, e ressalta que a população em geral precisa respeitar a dor dessas famílias e entender que essa é a maneira que eles encontraram para se reconfortar e cobrar respostas. Segundo ela, muitas vezes é preciso guardar opiniões individuais: “Não importa se concordamos ou não com os acontecimentos, nós precisamos respeitar essas famílias. Manifestar uma opinião contrária é mexer com os sentimentos deles e prejudicar todo um tratamento”. O depoimento do presidente da Associação das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, Adherbal Alves Ferreira, sobre o acompanhamento psicológico que os familiares em andamento também está presente na reportagem: “Tínhamos quatro meses de trabalho, e ele foi jogado fora. Ficamos e estamos muito nervosos após o que aconteceu”.

Quando concedeu outra entrevista ao jornal DSM, Adherbal Ferreira afirmou que “Ninguém quer mais nos ouvir, e só faz quatro meses”²⁷. O jornal colocou como principais

²⁶ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4157159.Apos-a-liberdade-dos-principaisreus-familiares-das-vitimas-do-incendio-na-Kiss-enfrentam-novamente-a-dor-da-perda.html>> Acessado em 01/06/2013.

²⁷ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4163606.Ninguem-quer-mais-nos-ouvir-eso-faz-quatro-meses-diz-presidente-da-Associacao-de-Familiares-das-Vitimas-da-Tragedia-deSanta-Maria.html>> Acessado em 08/06/2013.

assuntos “as críticas pelos posicionamentos adotados por ele e pela associação e a rejeição de parte da cidade, que dá demonstrações de ter cansado de conviver com o luto”. O pai enlutado falou da dor e do cansaço, dizendo que está magoado com a postura que classifica de desrespeitosa que muitos teriam adotado com relação ao luto de quem perdeu alguém no incêndio. Quando questionado sobre como ele percebe o respeito que Santa Maria tem para com a dor dos pais, ele responde que acha que metade da população respeita as suas dores e os apoia, enquanto outras pessoas acham que a dor já passou e que o que estão fazendo é fiasco.

Eu digo para essas pessoas: antes de pensar em falar qualquer coisa, coloque-se na frente de um espelho e pense que poderia ser um filho seu. Pense antes de falar. Eu tenho pena dessas pessoas que falam mal de uma situação legítima. Os pais estão sofrendo uma dor que é da alma, que não tem tempo, que não passa. O nosso luto dura para sempre. Ninguém mais quer nos ouvir, e só faz quatro meses. E se não for a associação, onde as pessoas vão se amparar? (Jornal DSM, 8 de junho de 2013).

Em resposta a outras perguntas sobre a relação da ATVSM com a cidade, o presidente da associação respondeu:

Só sabemos que precisamos mostrar que existe comoção e que sempre existiu. Mas estamos sofrendo com essa deficiência de apoio da comunidade. [...] Nós não queremos atrapalhar ninguém, mas a gente também precisa que as pessoas entendam a nossa dor. [...] Quando a gente passar, não nos olhem com desprezo. Não nos olhem. Se não conseguem nos olhar com respeito, baixem a cabeça e sigam em frente. Nós também seguiremos (Jornal DSM, 8 de junho de 2013).

Só no mês de dezembro os psicólogos voltaram a aparecer nas páginas do jornal, era o fim do ano se aproximando, e um ano cheio de datas importantes a serem vividas pela primeira vez sem os 242 jovens. A reportagem que noticia os 11 meses da tragédia, assinada pela jornalista Marilice Daronco inicia assim:

Fim de ano. Famílias reunidas. Seja com a casa cheia ou só com os mais chegados, esta é uma época repleta de emotividade. Em um ano marcado pela tragédia da boate Kiss [...] É mais difícil ainda que as emoções não venham à tona. Foi o primeiro Natal sem a companhia do ente querido, será a primeira virada de ano sem poder desejar-lhe o que todos buscam: felicidade. Por mais que se queira levantar e reconstruir _ a cidade inclusive _, as cicatrizes da morte de 242 pessoas doem, principalmente, nas famílias envolvidas na tragédia (Jornal DSM, 27 de dezembro de 2013)²⁸.

Esse parágrafo introduz a fala da psicóloga Maria Luiza Leal Pacheco, integrante do Acolhe Saúde, que explica que o luto não se trata apenas de dor, lamento, sofrimento,

²⁸ Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/12/como-vivem-familias-devitimas-da-kiss-11-meses-depois-da-tragedia-4375278.html>> Acessado em 30/12/2013.

isolamento, que pelo contrário, o luto acontece de forma diferente para cada uma, que é um processo individualizado. Assim, mesmo tendo passado pela mesma experiência coletiva de perda, o comportamento das pessoas e a evolução do seu luto pode estar em momentos diferentes neste fim de ano. Explica então que “As famílias estão passando por momentos muito distintos. Há desde aquelas que já estão reorganizando suas vidas, voltando ao trabalho e investindo em outras atividades, como o voluntariado. E há as que ainda negam essa perda e não conseguiram retomar atividade alguma”. A reportagem ainda fala sobre o serviço de Acolhe Saúde, que conta com consultas com psicólogos, médicos, apoio do serviço social e atendimento de enfermagem.

Maria Luiza Leal Pacheco complementa “Cada um tem o seu tempo de elaborar o luto. Um dos primeiros passos é interiorizar que a pessoa faleceu mesmo, e o tempo que demora para que cada um consiga isso é diferente de uma pessoa para outra”. A psicóloga comenta que nesta época do ano quando as pessoas costumam ficar mais sensíveis, muitas dessas emoções tendem a vir à tona

Temos de lembrar que, até o dia 27 de janeiro, as famílias estão vivendo as primeiras datas sem os seus entes queridos. Foi o primeiro aniversário, o primeiro Dia dos Pais e Dia das Mães, o primeiro Natal, o primeiro fim de ano. Isso, em geral, mexe muito com as pessoas, e cada uma tem uma forma de reagir a isso (Jornal DSM, 27 de dezembro de 2013).

Outras duas reportagens da mesma data contam a história de diferentes famílias e o que elas tem feito para enfrentar a dor. Enquanto a mãe de Carolina, vítima da tragédia, conta que as lembranças estão por toda parte, e que ela ainda criou um cantinho no qual distribuiu fotografias e objetos pessoais da filha, e comenta “Quando estou mal, entro no quarto dela, sinto o cheirinho que ficou nas roupas e me sinto melhor”, fala da saudade e da ausência de momento de felicidade desde o dia 27 de janeiro, mas tem uma família muito unida que a ajuda na recuperação diária²⁹. Enquanto os pais da Rafaela Schmitt Nunes, também vítima da tragédia, tiraram da vista objetos que remetesse muito a sensação de que a filha poderia voltar a qualquer momento. A mãe conta que toda vez que olhava para o quarto e para os pertences “Era uma dor forte demais para suportar”, mas as fotos estão espalhadas pela casa, as roupas permanecem no armário. O pai da menina adoeceu e não encontrou forças para voltar a

²⁹ Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/12/mae-de-vitima-datragedia-conta-com-apoio-de-familiares-para-seguir-em-frente-4375251.html>> Acessado em 30/12/2013.

trabalhar. Eis que a matéria termina com a frase: “E a dor pela ausência da filha fica ainda mais evidente em seu olhar, que ainda muito se enche de lágrimas”³⁰.

O jornal DSM parece fazer o papel de mediador entre pessoas afetadas pela “tragédia” e a sociedade em geral, a partir de discursos do campo psi na tentativa de explicar o processo de luto e produzir sentimentos de respeito e empatia. O serviço de atendimento aos familiares de vítimas construiu suas ações numa relação próxima à Associação das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, por isso acredita-se que os psicólogos e demais profissionais de saúde deste serviço foram mais revisitados pelo jornal DSM, para fazer esse trabalho de mediação entre aqueles que sofrem e a cidade de Santa Maria.

O jornal noticiou todos os acontecimentos nos primeiros anos, chegando a publicar várias reportagens sobre a tragédia em um mesmo dia. Ressalta-se essa postura do jornal justamente para pensar em que momentos se recorre aos profissionais, e como a articulação de fontes serve também para reforçar as ideias que o jornal DSM se propõe a passar. Se pensarmos que noticiar é de alguma forma selecionar fatos e organizar um sentido, dando forma a notícia, o trabalho do jornalista consiste então em mostrar que o fato está ocorrendo de tal forma e não de outra. E quando opta-se por convidar profissionais psi, é relevante nos questionarmos sobre os significados dessa ação. Além disso, o texto busca uma aproximação com o leitor do jornal, pois sendo um veículo local comunica temas relevantes para os leitores da cidade e região que, possivelmente, tem interesse e envolvimento pessoal.

Ao se aproximar do dia 27 de janeiro do ano seguinte, dia em que a tragédia completaria um ano, novamente uma psicóloga é chamada para explicar porque a data é cheia de significados diversos e até opostos. Essa reportagem do dia 23 de janeiro³¹, noticia que a data foi decretada como luto oficial, o horário de expediente foi reduzido e havia um indicativo para o comércio não abrir à tarde. Além disso, falou-se do quanto a data seria motivo de evitação para algumas pessoas, que optaram por não estar na cidade nem agendar partos no dia marcado pela tragédia: “Muitos santa-marienses se pudessem escolher entre ficar na cidade ou viajar, no próximo dia 27, escolheriam deixar Santa Maria, por considerar uma dia triste”, dizia a reportagem, mas acompanhada do depoimento da psicóloga Fabiane

³⁰Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/12/pais-de-jovem-mortatiraram-computador-do-quarto-dela-para-acabar-com-ilusao-de-que-filha-voltaria-4375238.html>> Acessado em 30/12/2013.

³¹Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/01/27-de-janeiro-ha-quem-tentefugir-da-data-4397365.html>> Acessado em 24/01/2014.

Angelo, que atua no Grupo de Trabalho Ações por Santa Maria, que explica que não querer estar na cidade no dia 27 pode ser uma forma de evitar as lembranças ruins: “Quando um fechamento de ciclo se aproxima, as emoções de dor, de saudade ou até mesmo a sensação de não saber o que fazer são normais. Há quem queria ficar aqui para tentar ajudar os amigos, a família, cada pessoa pode reagir de uma forma diferente”.

O ano de 2014 tentou começar diferente, engajando mais a população, numa tentativa de luto compartilhado, um exemplo disso é Campanha Santa Maria Floresce proposta pelo Grupo de Trabalho Ações por Santa Maria, que reuniu proprietários de vários estabelecimentos que acordaram em não funcionar nos dias 26 e 27 e convidou proprietários de estabelecimentos comerciais e moradores da cidade coloquem flores brancas ou tecidos brancos nas fachadas e vitrines das lojas, ou nas janelas e sacadas de suas casas a partir da sexta-feira 24³². Pelo menos 3 reportagens citaram a campanha entre os dias 21 e 23.

A programação desta data incluiu vigília em frente a boate, jogo beneficente com entrega de troféu com o nome de duas vítimas, entrega de brinquedos e material escolares para crianças carentes, além do 1º Congresso Internacional Novos Caminhos, promovido pela Associação das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, a reforma da pracinha de brinquedos do Parque Itaimbé, em parceria com a prefeitura, e um show musical no centro da cidade. Entre outras atividades, das quais destacam-se uma roda de conversa sobre o papel da mídia e a cobertura da tragédia da Boate Kiss com jornalistas locais e regionais, com o lançamento do livro *Tragédia de Santa Maria: A midiatização da Dor e do Luto* e uma palestra sobre atenção psicossocial sobre o trabalho realizado por profissionais da saúde mental aos sobreviventes e familiares da tragédia, espaço compartilhado com a Secretaria Municipal de Saúde e com a Cruz Vermelha de Santa Maria, assim como o grupo de Gestão de Cuidados com representantes do Ministério da Saúde, Secretaria Estadual de Saúde/RS, e Secretaria Municipal de Saúde/SM. Houve também uma mesa redonda sobre a integração dos sobreviventes da tragédia com sessão de depoimentos com pessoas que viveram e tentam superar traumas³³.

³²Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2014/01/bares-e-boates-de-santamaria-devem-fechar-nos-dias-26-e-27-em-homenagem-as-vitimas-da-kiss-4396372.htm>> Acessado em 23/01/2014.

³³Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/01/confirma-os-atos-em-homenagem-as-vitimas-da-kiss-em-santa-maria-4396013.html>> Acessado em 23/01/2014.

Cabe o destaque em razão de que desde os primeiros momentos após a tragédia, a preocupação com o gerenciamento do sofrimento e como lidar com as emoções da cidade/famíliares/sobreviventes. Apesar das diferenças de serviços e abordagens dos profissionais psi, o material analisado evidencia uma intenção de atender essas pessoas a partir de uma abordagem psicossocial, cuidando do sofrimento psíquico e do adoecimento, embasados nos conceitos de cuidado e de acolhimento, com certa preocupação de não patologização e medicalização do luto. Desde o início os profissionais psi atuaram ativamente no gerenciamento da situação de crise, pensando e produzindo conhecimento sobre o lugar do sofrimento, da morte, do luto, o medo do adoecimento, do suicídio, da revolta, a recuperação da ordem geral da cidade, a volta à rotina, como lidar com as situações de injustiça, etc. É importante refletir sobre o quanto isso estava em questão e foi repensado diariamente pelos profissionais psi que organizaram o serviço de atendimento, as verbas, as questões espaço-temporais tais como os locais de atendimento, a duração do serviço, o cuidado com os cuidadores que atuaram e trabalharam durante a tragédia.

O ano de 2014, porém, também não foi fácil para os familiares das vítimas. A Prefeitura ordenou retirada de tenda da vigília da Praça Saldanha Marinho, dando um prazo de 72 horas, sob a alegação de ocupação e obstrução irregular da área pública. A notificação poderia se tornar uma infração, se não cumprida, gerando multa ao Movimento Luto à Luta, podendo ser retirada pela prefeitura. A tenda foi montada três meses depois da tragédia para que as famílias das vítimas pudessem fazer uma vigília permanente no local. Desde então, funcionou todos os dias, sem interrupção³⁴. Como protesto uma vigília foi realizada durante toda a tarde de domingo, sendo feito um debate para explicar à população os motivos que levam o movimento a se reunir e pedir justiça. O jornal destaca as falas que prezam pela importância emocional e afetiva que aquele espaço possui para os pais:

Há um ano e dois meses, eles nos cortaram um vínculo de pais e filhos. Com o tempo construímos um vínculo de famílias que frequentam a tenda, e agora, sentimos que querem cortar mais esse laço que a gente uniu. [...] Dividimos o chimarrão, a conversa o lanche. Queremos ficar aqui porque não queremos que a tragédia caia no esquecimento. (Jornal DSM, 15 de março de 2014)³⁵.

³⁴ Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/03/prefeitura-ordena-retirada-detenda-da-vigilia-da-kiss-da-saldanha-marinho-4446129.html>> Acessado em 16/03/2014.

³⁵ Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/03/movimento-santa-maria-do-lutoa-luta-fara-mobilizacao-na-praca-saldanha-marinho-no-domingo-4447603.html>> Acessado em 16/03/2014.

O ano terminou conturbado, tensionando questões que pareceram cindir ainda mais a cidade e principalmente os pais, entre os que defendem o perdão e os que clamam por justiça. O trabalho de limpeza do prédio iniciou e trouxe à tona uma série de sentimentos e emoções, após um período de calma no coração do Rio Grande - que pareceu passar por um novo rompimento. A matéria no jornal se chamou “Como Santa Maria acompanhou a limpeza da boate Kiss”³⁶ e abordou as questões emocionais que estavam envolvidas no processo de limpeza do prédio, entrevistando um médico. O jornal inicia com um texto de autoria do jornalista Nilson Mariano que dá ênfase o clima de tensão na cidade ao ter que reviver os sentimentos evocados pela tragédia:

Ao vasculhar o interior do prédio da boate Kiss, nesta quarta-feira, Santa Maria não irá lembrar apenas a maior tragédia recente do Rio Grande do Sul, a qual matou 242 jovens e deixou centenas com sequelas que ainda perduram. Mais do que tudo, a cidade irá expor que continua dividida por sentimentos conflitantes, que afloram entre a indiferença e a revolta. Inspeccionar as dependências da Kiss será como remexer numa ferida aberta, a qual ainda paralisa a vida dos santamarienses, em maior ou menor grau. Uns querem esquecer o 27 de janeiro de 2013, atribuir o que ocorreu a uma fatalidade – mesmo que tenha sido provocada por uma sucessão de malfeitos e omissões. Outra parcela, indignada, assegura que a rotina não pode ser retomada enquanto os responsáveis pelo incêndio estão impunes (3 de dezembro de 2014).

Para o médico José Otavio Binato, a comoção aos poucos se dissipa, avaliando que “80% da população absorveu a Kiss como sendo parte de um passado dolorido, mas que deve ser superado. O restante ainda padece os efeitos e protesta por justiça, [...]. Para esses, é uma recordação negativa. Outros pensam que é hora de cicatrizar a ferida”. O restante da matéria dá detalhes sobre como a limpeza seria realizada.

A situação se intensificou quando os pais das vítimas pediram ao juiz para reaver os pertences e para acompanhar a limpeza no local, mas a empresa contratada manifestou a intenção de fazer a limpeza com a condição de retirar tudo o que havia dentro da boate e levar para o descarte, alegando não ter condições de fazer a separação dos objetos pessoais. O que mudou a direção dos fatos foi a Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), que coordenou o trabalho e foi sensível ao pedido dos pais e sugeriu que os pertences fossem colocados em sacos e deixados dentro da boate até que pudessem passar por um processo

³⁶Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2014/12/como-santa-mariaacompanha-a-limpeza-da-boate-kiss-4655762.html>> Acessado em 08/12/2014.

adequado de descontaminação e ser entregues às famílias³⁷. Em outra matéria, porém, o juiz determinou que os familiares de vítimas deveriam apresentar um plano para a “descontaminação” dos objetos e teriam de pagar pelo serviço. O jornal DSM entrevista familiares e destaca o valor simbólico para os pais: “Não estou aqui em busca do sapato sem o qual a minha filha foi encontrada. O que queremos é o acesso a essas lembranças, para muitos pais elas são especiais”³⁸.

No segundo ano da tragédia, janeiro de 2015, optou-se por mudar o foco e pensar a passagem do tempo, as permanências e mudanças, os reflexos e resultados da tragédia da boate Kiss. Santa Maria, uma cidade em transformação³⁹ foi o nome dado a uma matéria sobre os dois anos da tragédia, que fala sobre entrevistas feitas com jovens e seus pais, representantes das vítimas, lideranças políticas de Santa Maria e da região, o prefeito Cezar Schirmer e especialistas das áreas técnicas e humanas sobre a forma que tragédia impactou os santa-marienses, os setores público e privada no município, as mudanças que trouxe e qual a perspectiva para daqui a cinco, dez anos. O resultado é uma série de reportagens publicadas no jornal. À pesquisa interessa pensar quais especialistas das áreas técnicas e humanas foram chamados para compor as fontes e sobre o que foram questionados, justamente para pensar quais as fontes, além dos profissionais psi, mas de áreas afins, que o jornal busca para construir suas notícias. Nessa mesma reportagem a coordenadora do curso da História do Centro Universitário Franciscano (atualmente, Universidade Franciscana), Roselaine Casanova, ao ser entrevistada, afirma que a tragédia é lembrada, mas a cidade se desenvolve da mesma maneira, ou seja, não perdeu suas características: “Santa Maria é uma cidade moderna, dinâmica. [...] pelo contingente de pessoas que chegam e saem. Talvez esse dinamismo faça com que, passados 24 meses, a maior parte da população não sinta diretamente os efeitos da tragédia”. Outra questão que ressalta-se como relevante é o relato do Comando-Geral da Brigada Militar sobre como “os efeitos pós Kiss motivaram a criação de um serviço de saúde no Hospital da Brigada Militar voltado para o atendimento de

³⁷Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/12/limpeza-da-boate-kiss-estamantida-para-esta-quarta-feira-mas-com-mudancas-4655264.html>> Acessado em 08/12/2014.

³⁸Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2014/12/para-justicafamiliares-de-vitimas-da-kiss-devem-pagar-por-descontaminacao-de-objetos-pessoais-4655897.html>> Acessado em 08/12/2014.

³⁹Disponível em:

<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/01/santa-maria-umacidade-em-transformacao-4685469.html>> Acessado em 22/01/2015.

profissionais (bombeiros e policiais) submetidos a situações que podem gerar estresse pós-traumático”.

Quatro dias depois uma outra matéria foi publicada sobre as mesmas indagações, porém mais direcionada, chamava-se “Dois anos depois, mudamos ou não os nossos hábitos?”⁴⁰, a matéria inicia lembrando a tensão na cidade: “Santa Maria vive o conflito entre quem tenta esquecer a tragédia e aqueles que não querem ter a sua dor silenciada” e vai construindo a sua argumentação falando dos impactos da tragédia: “De imediato, a cidade entristeceu. Aos poucos, o trabalho, os estudos e o lazer foram sendo retomados”. Novamente há o relato da mesma historiadora, citada acima, Roselaine Casanova, que pesquisa espaços urbanos e sociabilidades, explicando que a tragédia na Kiss trouxe uma mudança individual de comportamento, e não coletiva. Apesar disso, o ritmo das mudanças e o discurso de superação da dor em Santa Maria é o mesmo visto em outros casos de tragédias e catástrofes: “As pessoas passaram a se cuidar mais, e as instituições, também. No mesmo momento em que o mundo olhava para cá, cada um olhava para si. Mas os hábitos coletivos permanecem”.

Para o cientista social, professor de sociologia do Centro Universitário Franciscano (atualmente, Universidade Franciscana), Guilherme Howes, a tragédia será um evento determinante na história social da cidade nos próximos cem anos, mas não tornará as pessoas mais prudentes. Segundo Howes, isso faz parte da cultura dos brasileiros:

Temos imensa dificuldade de aprender com exemplos. Não aprendemos com a Kiss, como não aprendemos com a guerra, que é o trânsito. Para que o impacto que é a Kiss causasse uma verdadeira transformação, deveria passar por nós a conscientização de que somos os mobilizadores dessa preocupação. Parece que foi um grande azar ou um acaso, quando, na verdade, foi uma série de negligências que têm risco potencial de se repetir (Jornal DSM, 26 de janeiro de 2015).

“Ainda estamos no meio do furacão. Se o incêndio na boate Kiss fosse um furacão, dois anos após a tragédia, Santa Maria ainda estaria girando no meio dele, tentando fazer constatações”. A metáfora foi usada pelo sociólogo para representar o turbilhão de emoções e conflitos que ainda vivem os santa-marienses em decorrência da tragédia e da tentativa de entendê-la. Howes ainda fala da dificuldade de reorganização da cidade, dado que nela estão os familiares das vítimas, os sobreviventes, os parentes e todos aqueles que têm ligação com eles, ou seja, milhares a mais do que os 242 jovens, mas “A impressão é que a população que

⁴⁰Disponível em:

<<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/01/dois-anos-depoismudamos-ou-nao-os-nossos-habitos-4687681.html>> Acessado em 26/01/2015.

se uniu em caminhadas pelas ruas da cidade em janeiro de 2013 e se mostrou tão solidária, cansou de ouvir os lamentos, não quer mais assistir aos protestos e prefere esquecer o que houve”.

Ainda, a Cientista Social Priscila Peixoto, explica esse comportamento relacionando-o ao fato de as pessoas quererem se distanciar da morte:

Antigamente, as pessoas tinham uma relação mais próxima com a morte e até velavam parentes em casa. Atualmente, a sociedade se distancia do que a remete à morte. Evita o envelhecer, coloca seus doentes em hospitais, vela seus mortos em capelas e espera que o luto seja vivido na intimidade do lar, para que as pessoas não sejam contaminadas pela dor e não precisem refletir sobre a finitude da vida (Jornal DSM, 26 de janeiro de 2015).

Howes e Peixoto seguem a explicação, argumentando que com a retomada das atividades cotidianas, a população tenta empurrar a ideia de morte para longe de si,

Mas, aqui, vive um grupo de familiares das vítimas que não consegue retomar suas atividades e que não quer deixar que a tragédia seja esquecida, o que gera um choque entre eles e parte da cidade. É importante que os parentes não se deixem calar. É uma obrigação de todos os habitantes dessa cidade deixá-los falar e ouvi-los, porque, quando eles defendem esses direitos, estão defendendo os direitos de todos nós e de nossos filhos (Jornal DSM, 26 de janeiro de 2015).

Pretendeu-se com essa análise pensar em como é tratada a relação entre familiares/sobreviventes e a cidade de Santa Maria, qual o papel do jornal DSM e dos profissionais psi nessa mediação, como se formam e legitimam discursos sobre as formas de lidar com o luto e quais as emoções estão envolvidas nisso. O jornal, como um lugar de circulação de diferentes saberes, responsável pela informação jornalística plural, contou com uma igual pluralidade de perspectivas enunciativas, já que as diferentes fontes ajudaram a compor os discursos das notícias. O próprio sujeito do texto, ou seja, o jornalista muitas vezes se coloca como testemunha, mesmo que, ele não mencione que a equipe de reportagem acompanhou tudo de perto, assim ele se inclui e cria empatia com o leitor, que se sente mais próximo do texto do jornal. Por meio da linguagem se transmite informação e também sentimentos, o que o jornal DSM fez em vários momentos.

Por exemplo, ao dar ênfase à união das pessoas naquele momento, fala-se da solidariedade dos santa-marienses com aqueles que perderam familiares ou amigos, fala-se também de uma força coletiva que se criou para superar a tristeza e o luto. Aliás, mostra que em meio à tristeza, havia um sentido de igualdade e contribui assim, para estabelecer

consensos sobre os valores e atitudes em sociedade. O jornal DSM, posteriormente ao momento inicial pós-tragédia demonstra certa preocupação com a coesão social e o bem estar dos familiares, isso fica subentendido na escolha dos temas e montagem das notícias, que várias vezes destacaram a separação da cidade em polos opostos, e aparenta tomar para si papel de mediação entre cidade e familiares.

De toda forma, ressalta-se que o uso da linguagem e a articulação de palavras que evocam emoções ou valores, tornaram a informação cheia de emoção, também, devido ao envolvimento emocional da equipe, o que por sua vez não impede a eficiência informativa, levando até ao leitor o que as pessoas envolvidas com os fatos estão fazendo, falando e sentindo. Além disso, em consonância com a pesquisa de Oliveira (2013) que analisou o jornal DSM na cobertura do primeiro dia após a tragédia, o Diário de Santa Maria deixou clara a intenção de mostrar aos leitores de que a dor era coletiva na cidade e, dessa maneira, também atingia a empresa jornalística e manteve um discurso com o intuito de criar empatia com o leitor e se aproximar, com um propósito de mostrar a eles que compartilhavam da mesma dor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o processo de construção das formações discursivas sobre sofrimento no jornal Diário de Santa Maria após o incêndio da boate Kiss. Para aprofundar as questões de investigação acerca das formações discursivas sobre o sofrimento nas práticas discursivas do campo psi. Como procedimento de coleta de dados foi realizada a análise documental no jornal local, Diário de Santa Maria, com um corpus de 415 reportagens dos primeiros três anos após a “tragédia”, sendo escolhidas, de acordo com os objetivos da pesquisa, 50 delas para analisá-las, de acordo com análise de discurso a partir de Michel Foucault.

No procedimento de análise documental do jornal Diário de Santa Maria, foi-se em busca de depoimentos de profissionais da saúde que foram procurados pelo jornal para dar entrevistas e falar sobre o luto coletivo que a cidade estava vivendo. Os profissionais encarregados dos serviços de atendimento psicológico, buscaram manter-se em diálogo com a cidade, por meio do jornal local, pois estavam cientes da importância da divulgação de informações, seja para comunicados, explicações, e mesmo interpretações da realidade social com tom informativo para o entendimento da população geral.

Com isso, analisou-se a relação entre o discurso do campo psi e o discurso jornalístico, refletindo sobre como foram incorporados, nas matérias, os discursos do campo psi pelos profissionais, que ocupam lugar de saberes legitimados/autorizados a tratar sobre o tema. Desse modo percebeu-se que os profissionais, ocuparam um lugar de mediação entre os sujeitos que sofrem, diretamente atingidos, como familiares e vítimas e a cidade em geral, que também faz parte do luto coletivo, mas que por sua vez, encontrou outras formas de lidar com esse luto. respostas culturais que vão ao encontro de uma atitude tipicamente ocidental, de evitação e até mesmo fuga de assuntos que referem-se a dor, morte e sofrimento.

A partir da análise das reportagens do jornal, descreveu-se como determinados sentimentos foram sendo produzidos socialmente nas relações sociais de acordo com a passagem do tempo e a mudança de contexto, destacando como os sentimentos são suscetíveis a variações provocadas pelo ambiente sociocultural em que se encontram, em uma relação entre cultura, sociedade e emoções. Tais sentimentos tiveram efeitos significativos nas interações entre a coletividade de modo amplo. Assim, entendeu-se que os sentimentos

são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem, variando de acordo a situação e vários aspectos da vida social.

Para entender como as emoções vão metamorfoseando-se ao longo do tempo e do contexto, foram analisadas as reportagens do jornal referentes aos três primeiros anos após o incêndio, e por isso o primeiro passo da construção do argumento trata-se de uma retomada sobre o fazer jornalístico, o que significa analisar os discursos e as situações sociais específicas em que eles são expressos a partir de seus efeitos de poder.

O jornalismo, com a intenção de reproduzir as condições de determinada experiência, expressa as emoções através das reportagens e o que é um recurso importante para a captura da atenção, e na produção de emoções naquele que recebe e interpreta tais informações. Os sujeitos ao serem expostos a relatos e documentos de registro visual, também colocam seu olhar sobre o sofrimento. No entanto, o ponto principal aqui é analisar como a própria prática discursiva não representa a realidade, apenas um recorte dela. O jornalismo não tem como dar conta de toda a dimensão do acontecimento, assim, o jornalista escolhe alguma forma para recortar e dar ênfase na matéria jornalística.

Pensa-se então, que esse recorte serve como um enquadramento, molduras que restringem e ao mesmo tempo configuram o olhar do leitor. Assim, é uma forma de, a partir de modos culturais, regular as disposições afetivas e éticas por meio de um enquadramento seletivo e diferenciado do acontecimento. No caso do jornal Diário de Santa Maria, esse enquadramento de comoção contribui na ativação de sentimentos como o de solidariedade e empatia, intensificando o luto coletivo na cidade. As primeiras semanas pós “tragédia”, houve comoção na cidade. Fatores que podem ter contribuído para a intensificação da comoção na cidade, é o fato de seu principal veículo informacional, o Diário de Santa Maria, um dos agentes responsáveis por atribuir uma determinada narrativa e dar sentido ao acontecimento, usou recursos para fortalecendo o vínculo entre as pessoas. Dentre esses recursos pode-se citar a presença de fontes testemunhais ou de outros recursos narrativos, que são utilizados para humanizar os relatos, a ênfase na morte de uma grande quantidade de jovens, que faz surgir significações sobre a inadequação do momento da morte, a partir de quadros interpretativos que enfatizam a fatalidade. As reportagens destacam a pouca idade das vítimas e a forma abrupta como suas vidas foram tiradas, o que culturalmente entende-se que dificulta a aceitação da perda. Desse modo, o acontecimento é abordado a partir do sofrimento que ocasiona a alguém e prolonga-se na dor das perdas e na ação coletiva com

vistas a tornar mais suportável a devastação, ao mesmo tempo que ressalta na luta dos familiares por reparação e justiça.

O luto público também esteve relacionado à indignação diante da injustiça frente a perda irreparável de 242 jovens e gerou um potencial político, que foi mobilizado por respostas afetivas. Um dos recursos discursivos do jornalismo na “tragédia da boate Kiss” foi destacar o evento em relação ao que é da esfera do sofrimento, ao que se sente, ao que se sofreu e ao que atingiu, sem deixar de questionar a intencionalidade ou a responsabilidade da tragédia. Assim as reportagens, logo após a tragédia, mobilizam para a dor e o sofrimento, mas também para a busca de justiça. Mesmo recorrendo a sentimentos e emoções das testemunhas, a comunicação não ignora o contexto e os recursos narrativos que expressam a gravidade da experiência, seus possíveis culpados, as negligências, e trata o acontecimento como uma tragédia evitável, formando também um enquadramento político em busca de justiça, que neste caso, encontra-se vinculada à responsabilização de diferentes agentes e instituições públicas pelo ocorrido.

No caso de Santa Maria, os engajamentos políticos partem de um sentimento de apego ao lugar, à cidade, o que revela a ampliação de experiências particulares do ponto de vista do que as pessoas têm em comum, contribuindo para o fortalecimento de um sentimento compartilhado, o que é essencial para ascender a um nível de forte publicidade, pois recorre-se à emoção como parte central do processo de definição de um assunto a ser inserido numa agenda pública, sendo a emoção um recurso para poder dar palavra e voz à percepção de injustiça. A coesão da população em torno da tragédia se revela pelo compartilhamento e expressão dos sentimentos em torno do luto, alcançando significação coletiva. Os acontecimentos Santa Maria foram assumidos como públicos, pois o acontecimento afetou fronteiras e se sobrepôs ao local, porque a proximidade não era só geográfica, era emocional.

Os primeiros meses após a tragédia, houve em Santa Maria, uma espécie de oscilação entre a solidariedade no primeiro momento e a discordância com a permanência no luto, já que a cidade se envolveu em um discurso que prezava pela superação dos pais enlutados, como uma forma de receio de trazer para si mesmo e para a sua rotina os sentimentos e reflexões decorrentes do enfrentamento da perda e da consciência da própria finitude. Fala-se que a cidade estava sendo prejudicada pelo constante reviver do acontecimento. O próprio processo de elaboração do luto gerou tensão entre os pais e os demais moradores da cidade, que previam que os familiares e amigos enlutados mais próximos da tragédia da boate Kiss,

recorressem à vivência desse luto de forma isolada, ou pelo menos, não pública. Os desdobramentos são sentimentos como tristeza, mágoa e inquietação, fruto da inadequação do luto consequência da relação necessidade de expor os sentimentos e a exigência social do silenciamento progressivo do luto. O que torna mais difícil para os pais silenciar diante da perda, é falta de uma etapa importante para a elaboração desse luto: a noção de justiça a partir da responsabilização dos culpados.

Fora do contexto que envolve uma sociabilidade em torno do luto (como nos grupos e associações formadas pelos próprios enlutados), os pais de vítimas da “tragédia da boate Kiss” revelam uma dificuldade de falar da sua dor nos grupos cotidianos, tal como ocorre com os sujeitos em estado de luto de um modo geral, em situações privadas. O processo de interação oriundo dos grupos e associações, corresponde à possibilidade de reconhecimento de um “semelhante” a partir do luto, tornam-se próximos pela condição emocional a que estão submetidos. O compartilhamento da dor e a união de forças para mobilizações tornam a experiência de luto destes sujeitos particular. As organizações e as associações, assim como as manifestações públicas foram fundamentais para que muitas pessoas encontrassem formas de lidar com o sofrimento, compartilhar impressões e emoções. Assim, as vítimas e/ou seus familiares constroem narrativas sobre esses eventos traumáticos, compartilham suas experiências, organizam-se em associações e movimentos de luta por “justiça” e responsabilização dos culpados.

A partir da leitura e análise das matérias é possível perceber que o jornalismo tinha a intenção de contribuir, não só como meio de acesso à informação, mas também na conscientização sobre empatia e respeito a dor do outro, contribuindo para a formação de um elo entre a sociedade, para melhorar as relações sociais de um modo geral, principalmente na cidade de Santa Maria. A própria promoção de informações de que a sociedade precisa ter conhecimento assegura o bem comum, ajudando no processo que implica reestabelecer uma certa ordem na vida e dar segurança, já que eventos como tal são estressores e potencialmente traumáticos, causadores de insegurança, dor e tristeza coletiva. De modo que os relatos e ideias expressas pelo jornal foram importantes propulsores de ações individuais e coletivas, como a presença de inúmeros profissionais de diferentes áreas que se dispuseram a atender voluntariamente.

O jornal Diário de Santa Maria parece fazer o papel de mediador entre sociedade em geral e o serviço de atendimento de saúde montado por equipes multiprofissionais que se

esforçam para explicar o processo de luto e clamar por respeito e empatia. O serviço de atendimento de Saúde construiu suas ações com relação próxima à Associação das Vítimas da Tragédia de Santa Maria. Acredita-se que os profissionais do serviço de saúde foram mais revisitados pelo jornal Diário de Santa Maria, para fazer o importante trabalho de mediação entre aqueles que sofrem e a cidade de Santa Maria.

Um ano após o incêndio a cidade estava dividida por sentimentos conflitantes, que afloraram entre a indiferença e a revolta, enquanto uma parcela da população queria esquecer o 27 de janeiro de 2013, outra parcela, permanecia indignada com forte sentimento de injustiça. No segundo ano após a tragédia, o jornal optou-se por mudar o foco e pensar a passagem do tempo, as permanências e mudanças, os reflexos e resultados da “tragédia da boate Kiss”, destacando o conflito existente na cidade entre a tentativa de esquecimento e aqueles que não querem ter a sua dor silenciada.

Pretendeu-se com essa análise pensar em como é tratada a relação entre familiares/sobrevivente e a cidade de Santa Maria, o que difere, o que causa conflito, quais ações foram feitas para aproximar ambos, por quem foram pensadas, qual o papel do jornal e dos profissionais psi nessa mediação, como se formam e legitimam discursos que justificam os dois polos que a cidade ficou dividida, quais as emoções estão envolvidas nisso. O jornal, como um lugar de circulação de diferentes saberes, responsável pela informação jornalística plural, contou com uma igual pluralidade de perspectivas enunciativas, sendo representativo da diversidade social, já que as diferentes fontes ajudaram a compor os discursos das notícias a partir da diversidade de opiniões, relatos e testemunhos das mídias.

Por exemplo, ao dar ênfase à união das pessoas naquele momento, fala-se da solidariedade dos santa-marienses com aqueles que perderam familiares ou amigos, fala-se também de uma força coletiva que se criou para superar a tristeza e o luto, mostrando de alguma forma a boa vontade do povo da cidade. Aliás, mostra que em meio à tristeza, havia um sentido de igualdade e contribui assim, para estabelecer consensos sobre os valores e atitudes em sociedade. O Diário de Santa Maria, posteriormente ao momento inicial pós-tragédia demonstra certa preocupação com o bem estar dos familiares, isso fica subentendido na escolha dos temas e montagem das notícias, que várias vezes destacaram a separação da cidade em polos opostos, e aparenta tomar para si papel de mediação entre cidade e familiares. Assim, o Diário de Santa Maria deixou clara a intenção de mostrar aos leitores de que a dor era coletiva na cidade e, dessa maneira, também atingia a empresa

jornalística e manteve um discurso com o intuito de criar empatia com o leitor e se aproximar, com um propósito de mostrar a eles que compartilhavam da mesma dor.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francis. **Fronteiras da sanidade**: da "periculosidade" ao "risco" na articulação dos discursos psiquiátrico forense e jurídico no Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso de 1925 a 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, p. 331. 2009

AMARAL, M. F. O enquadramento nas catástrofes: da interpelação da experiência ao relato da emoção. **Contracampo**, Niteroi, nº 22, fev. 2011, p. 65-82.

BARBALET, J.M. **Emoção, teoria social e estrutura social**: uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002, p. 39-63.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

CABRAL, Károl Veiga et alia. Atenção psicossocial às vítimas e familiares do incêndio da boate Kiss: dobraduras de um processo compartilhado de gestão de cuidados em saúde. In: MAFACIOLI, Gilson *et alia* (org). **A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss**: testemunhos e reflexões. Curitiba: CRV, 2016. p. 87-109.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

DAS, Veena. **Life and words**: violence and the descent into the ordinary. California: University of California Press, 2007.

DASSOLER, Volnei; MAFACIOLI, Gilson; LUDTKE, Manoela. Urgência em saúde mental: a experiência de Santa Maria no cuidado às pessoas afetadas pelo incêndio na boate Kiss. In: MAFACIOLI, Gilson *et alia* (org). **A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss**: testemunhos e reflexões. Curitiba: CRV, 2016. p. 193-202.

DIAS, Marlon. Investigar acontecimentos e narrativas de sofrimento em redes digitais: pistas teórico-metodológicas. **VII Encontro Regional Sul de História da Mídia** – Alcar Sul, 2018.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GUERCI, Antonio; CONSEGLIERI, Stefania. **Por uma antropologia da dor**. Nota preliminar. Florianópolis, outubro de 1999. p. 57-72

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEHER, Michel. S'apprécier, ou les aspirations du capital humain. **Raisons politiques**. n. 28, p. 11-31, 2007.

FILHO, Edemir. A emoção religiosa nos estudos de Émile Durkheim e Marcel Mauss. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, p. 137-155, 2012.

FREIRE, Jussara. **Quando as emoções dão forma às reivindicações**. In: COELHO, M; REZENDE, C. (org) Cultura e sentimentos - ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa / Faperj, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969/2008.

GONÇALVES, Camila dos Santos. **Para além das ausências no campo psicológico: investigação dos saberes e das práticas emergentes a partir de um acontecimento crítico em Santa Maria/RS/Brasil, 2017, 202f**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2017.

GONÇALVES, Camila; ROSO, Adriane. Discursos jornalísticos e a fabricação do acontecimento da Kiss. In: MAFACIOLI, Gilson *et alia* (org). **A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss: testemunhos e reflexões**. Curitiba: CRV, 2016, p. 113-130.

HACKING, Ian. **Ontologia Histórica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos de capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

_____. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.

MAIA, Gabriela F. A gramática das emoções no processo de reconhecimento das demandas da população trans. **RBSE**. v. 16. n.48. dez/2017.

MAFACIOLI, Gilson *et alia* (org). **A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss: testemunhos e reflexões**. Curitiba: CRV, 2016.

MENDES, Marcília Luzia; OLIVEIRA, Geilson. Treine suas emoções, supere-se, seja feliz! Uma análise discursiva do imperativo da superação e da felicidade na literatura de autoajuda. **Comunicação, Mídia e Consumo**. ano 10 vol. 10 n. 29 p. 161-182, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. Noticiar a dor: possibilidades e dificuldades do jornalismo na tragédia de Santa Maria. IN: SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

NETO, Antônio; VENTURA, Anaiara; FABRÍCIO, Laura. Luto no tapume: Andradas, 1925 IN: SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de. O trauma coletivo da perda e as experiências privadas do luto: reflexões sobre o caso de Santa Maria. In: Ada Cristina Machado da Silveira. (Org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria: a catástrofe biopolítica**. 1ed.Santa Maria: Facos/UFSM, 2018, v. 1, p. 365-382.

OLIVEIRA, Vanessa. **As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais zero hora e diário de santa maria na cobertura do incêndio na boate Kiss**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2013.

ORELLANA, Carlos; GUIMARÃES, Isabel. Tragédia e solidariedade direcionada no discurso jornalístico IN: SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

PACHECO, Maria Luiza Lea; ZAPPE, Jana Gonçalves; SANTOS, Cristiane Rosa. A construção das estratégias de cuidado a partir das atividades de supervisão: a importância da continuidade e do vínculo. In: MAFACIOLI, Gilson *et alia* (org). **A integração do cuidado diante do incêndio na boate Kiss: testemunhos e reflexões**. Curitiba: CRV, 2016, p. 181-190.

PEIXOTO, Priscila. 2014. **“Acorda Santa Maria”**: estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

REZENDE, C; COELHO, M. C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 61, p. 51-61, Jan./Abr. 2011.

SILVEIRA, Ada Cristina; DALMOLIN, Aline. Drama, mobilização e construção de relatos coerentes em meio ao caos na estrutura de rede. IN: SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

SILVEIRA, Daniele; VIEIRA, Ana Luiza. Reflexões sobre a ética do cuidado em saúde: Desafios para a atenção psicossocial no Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. ano 5, n.1, 2005.

SIQUEIRA, Monalisa.; VICTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto Da “tragédia de Santa Maria”. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 25, abril/2017.

SIQUEIRA, Monalisa; VICTORA, Ceres. “A maior tragédia em 50 anos” IN: Rifiotis, Theophilos; SEGATA, Jean (org.). **Políticas etnográficas no campo da moral**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. pp: 183-205.

SONTAG, S. **Olhando o sofrimento dos outros**. Lisboa: Gótica, 2003.

TREVISAN Amarildo Luiz; FAGUNDES André Luiz; PEDROSO, Eliana Regina. Santa Maria, trauma e resistência: a experiência estética na dor do outro. IN: SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Mediatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

VÍCTORA, Ceres; KNAUTH, Daniela; HASSEN Maria. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.